

# UM PADRE DIFERENTE

Aldo Vannucchi



**Reitor:** Fernando de Sá Del Fiol

**Pró-Reitor Acadêmico:** José Martins de Oliveira Junior

**Pró-Reitor Administrativo:** Rogério Augusto Profeta

**Direção Editorial**

Wilton Garcia Sobrinho

**Editoras Assistentes**

Silmara Pereira da Silva Martins

Vilma Franzoni

**Conselho Editorial**

Cristiane de Cássia Bergamaschi Motta

João Grandino Rodas

João Paulo Lopes de Meira Hergesel

José Martins de Oliveira Junior

Marco Vinicius Chaud

Maria Ogécia Drigo

Mônica Martinez

Rafael Angelo Bunhi Pinto

Sônia Virginia Moreira

**EDUNISO: Editora da Universidade de Sorocaba**

Rodovia Raposo Tavares, KM 92,5

18023-000 Vila Artura

Sorocaba / SP – Brasil

Fone: 15 – 2101 7018

E-mail: [edunisoeditorauniso@gmail.com](mailto:edunisoeditorauniso@gmail.com)

<http://uniso.br/eduniso/>

# UM PADRE **DIFERENTE**

**Aldo Vannucchi**

Sorocaba/SP

EDUNISO

2017

©2017 Editora da Universidade de Sorocaba – Eduniso.  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Todos os direitos desta edição reservados à Eduniso.  
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização desta entidade.

### **Um Padre Diferente**

Disponível também em: Impresso

## **Ficha Técnica**

**Correção ortográfica:** Aldo Vannucchi

**Normalização:** Vilma Franzoni

**Projeto gráfico, Diagramação e Capa:** Marina Real

**Secretaria:** Silmara Pereira da Silva Martins

## **Ficha Catalográfica**

---

Vannucchi, Aldo  
V343p Um padre diferente / Aldo Vannucchi. – Sorocaba, SP :  
Eduniso, 2017.  
126p.

E-book  
ISBN: 978-85-61289-32-4

1. Pierone Sobrinho, André, 1909-1972, - Biografia.
2. Igreja católica – Padres - Biografia. Título.

CDD: 270.092

---

Elaborada por: Vilma Franzoni (Bibliotecária) – CRB 8/4485

# Agradecimentos

Devo agradecimento a várias instituições e amigos, por informações aqui relatadas sobre a vida e a obra do Pe. André Pieroni. Cito-os, com sincero reconhecimento:

Adolfo Frioli  
Ana Maria Sousa Mendes  
Antônio Ribeiro  
Carlos Pieroni  
Cúria Metropolitana  
Diário de Sorocaba  
Florinda Abud Bataglini  
Gabinete de Leitura Sorocabano  
Dr. João Dias de Sousa Filho  
Jornal Cruzeiro do Sul  
Dr. José Maria Duarte (*in memoriam*)  
Luciana Santucci  
Dr. Mário Antônio Duarte  
Mileide Costa Gonçalves  
Milton Marinho Martins  
Miriam Keller (*in memoriam*)  
Paulo Francisco Mendes  
Secretaria Municipal de Cultura  
Wilson do Carmo Ribeiro

# Sumário

Prólogo.....	8
Apresentação .....	11
A Formação.....	15
Traços biográficos.....	25
Integralista .....	29
Político .....	32
O Presbítero .....	41
Pároco de Campo Largo .....	49
De volta a Sorocaba.....	65
Suas obras .....	69
O Seminário Diocesano .....	70
A Faculdade de Medicina .....	73
A Faculdade de Filosofia.....	79

A Faculdade de Direito .....	83
A Faculdade de Direito de Itu .....	86
Faculdade de Educação Física .....	90
O sonho da Engenharia .....	92
Liceu Pedro II .....	94
O Ginásio de Esportes .....	97
O Castelinho .....	102
Homenagens .....	104
No Instituto Histórico .....	105
A sua rua .....	107
O Centro Esportivo .....	108
Escultura .....	110
A Tela do “Mailaski” .....	112
Prêmio Municipal .....	114
Placa na FaFi .....	115
Últimos dias.....	116
Referências .....	121
<b>O Autor .....</b>	<b>126</b>

## Prólogo

O passado recente de Sorocaba está, todo ele, praticamente, por ser estudado. Se o trabalho de Aluísio de Almeida e de alguns seguidores seus resgatou do esquecimento os fatos mais vetustos da vida de Sorocaba, há aspectos bastante importantes da história da cidade que ainda não encontraram o seu historiador. Pior: sequer tiveram os dados relativos a ele devidamente coletados (CRUZEIRO DO SUL, 30 de maio de 1979).

Na sequência, o matutino citava como fato a ser estudado a atuação pró Sorocaba do Padre André Pieroni Sobrinho, insistindo na necessidade de se publicar a biografia do sacerdote, nestes termos:

As lacunas a serem preenchidas nessa história recente devem incluir, a nosso ver, um estudo biográfico e crítico aprofundado do trabalho desenvolvido em nossa cidade pelo Padre. Não é trabalho fácil, pois muito do que o Padre fez pela cidade foi realizado às ocultas. Assim, o movimento em favor da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, que teve nele um animador semi-clandestino. A movimentação estudantil que – no bom sentido – ele insuflou, com o fito de levar o prefeito recém-eleito de Sorocaba, Emerenciano Prestes de Barros, a comprometer-se com a instalação da escola (oriunda de um projeto de seu antecessor e rival político, Dr. Gualberto Moreira) é um exemplo disso. Responsável direto pela transformação de Sorocaba num centro universitário, o Padre não chegou a ocupar funções em qualquer das escolas que viu nascer. Uma das condições colocadas para a implantação da Filosofia, por exemplo, foi sua renúncia ao cargo de vice-diretor, que ele aceitou sem questionar. (CRUZEIRO DO SUL, 30 maio de 1979)

Pela justeza desse apelo e pelo meu amor por Sorocaba, seus heróis e sua gente, decidi, embora não seja historiador, assumir essa causa. Que os leitores que conheceram o Padre André me com-

plementem o trabalho, corrigindo possíveis lapsos meus e, seria tão bom!, acrescentando outras lembranças pertinentes. Doutra parte, quem não o conheceu poderá descobrir aqui alguém que contribuiu demais para o desenvolvimento de nossa cidade, constituindo-se num exemplo inspirador a todos os que trabalham por uma Sorocaba melhor.

Aldo Vannucchi  
(aldo.vannucchi@uniso.br)

## Apresentação

Dentre os incontáveis companheiros mais próximos, nos caminhos de minha vida, alguns há que me acostumei chamar de pró-homens. São cidadãos que se destacaram, pessoas que, além de marcarem o seu tempo, me inspiram até hoje profundo respeito e imorredoura gratidão, pelos exemplos que deram e pelo bem que legaram à posteridade. Daí a lembrança de um autêntico pró-homem do cenário sorocabano, cujos passos tento relembrar nestas páginas.

Sorocaba deve a ele, Padre André Pieroni Sobrinho, muita coisa do que ela tem e é, na atualidade. Sem ele, não se contaria, por aqui, com obras fundamentais ao desenvolvimento social, cultural e religioso do município, algumas delas construídas até com as próprias mãos, porque ele se transformava num factótum, sempre que se lhe apresentasse algum projeto vital para o progresso e o bem-estar da cidade.

Foi um padre diferente. Precursor dos grupos da Ação Católica na cidade, implantou o primeiro núcleo local do movimento internacional de promoção do operariado, centralizado em Bruxelas, conhecido como Juventude Operária Católica, JOC.

Muito criticado em vida por pessoas de espírito tacanho, que o queriam apenas em missas e sacristias, viveu sempre procurando servir a todos, conseguindo atendimento hospitalar para indigentes, dando aulas particulares sem cobrança e até conserutando, na rua, a moto de alguém perplexo por algum inesperado problema mecânico.

Ele nunca teve receio de abrir novos caminhos pelo bem da sociedade e, para tanto, lançou, às vezes, com lágrimas e calúnias sofridas, inúmeras sementes que nem a maldade de seus detratores jamais conseguiu abafar.

Acusavam-no de político, mas foi sua ousadia política que o levou várias vezes à capital do País, para, literalmente, arrancar de lá a documentação criada de várias Faculdades.

Discriminavam-no como sacerdote estranho às normas canônicas, mas ele, pobre, desprendido de qualquer honraria, sempre de batina, pensava mais no povo de Deus do que nas estruturas eclesíásticas e manteve sempre a obediência própria de um filho da

Igreja. Queria esse povo desenvolvido e feliz e, para tanto, ao invés de fantasiar castelos no ar, chegou a construir com as próprias mãos, pedra por pedra, o, Castelinho que enfeita e enaltece Araçoiaba da Serra.

Seu ex-coroinha e ex-aluno, e, mais tarde, seu colega no clero diocesano, os fatos e as recordações que aqui apresento pretendem fazer justiça a alguém cuja atuação transformadora não pode ser esquecida. Rememora-la é suscitar não apenas lembrança e gratidão, mas também compromisso de perenizar sua digna imagem, no presente e no futuro de Sorocaba.

Reitero aqui minhas palavras sobre ele escritas no livro “A caminho da Uniso” (VANNUCCHI, 2012, p. 30):

Personalidade marcante, em que inteligência e coração se fundiam, numa síntese surpreendente de romantismo e ação, de fé e trabalho. Pe. André era capaz de manejar colher de pedreiro e martelo de carpinteiro, para dotar a cidade de um Ginásio de Esportes, como de frequentar, com a paciência dos santos, a ante-sala das maiores autoridades públicas, em São Paulo e no Rio de Janeiro, até conseguir a vitória dos seus sonhos que, na verdade, eram os sonhos de toda uma coletividade que, sem ele, pouco ou nada conseguiria. Desprendido

e generoso, pobre e nem sempre compreendido pela elite da cidade, o que menos procurava eram cargos e honrarias. Aos aplausos da sociedade preferiu sempre o labor diuturno das grandes causas.

## A Formação

Pe. André era italiano. Chegou aqui nenê, como tantos outros milhares de patrícios. Para situar e compreender essa informação inicial da presente biografia, vivenciada em território paulista, é preciso inseri-la no desenvolvimento da história pátria.

Primeiro, tivemos o tráfico do pau-brasil, depois a lavoura açucareira, a seguir a exploração das jazidas de ouro e diamante de Minas Gerais, seguida pelo café e, por fim, o surto industrial de São Paulo.

Com o fim do braço escravo, o Brasil abriu de vez os seus portos para a imigração. Em sucessivas levadas, famílias em crise de sobrevivência na Europa, aqui aportaram, colaborando, em boa hora, no desenvolvimento econômico do País e, especialmente, de São Paulo. Em nosso Estado, de tantas correntes imigratórias prevaleceu, então, e se afirmou para sempre, a presença dos imigrantes italianos.

Da Itália, recentemente unificada e sem uma consciência nacional inteiramente moldada, era plausível que saíssem, a partir da segunda metade do século XIX, milhões de imigrantes para o Novo Mundo, especialmente, Estados Unidos, Argentina e Brasil. Muitas deles aqui se radicaram.

Fascinados pela promessa de um bom futuro na América, inúmeros camponeses italianos se apresentaram para essa aventura ultramarina que lhes garantiria trabalho para a família e pão para os seus filhos.

*Andiamo in Mérica*

*Andiamo a raccogliere caffè*

*Andiamo in Mérica*

Até 1920, deu entrada no Estado de São Paulo mais de um milhão de imigrantes italianos. Vieram de todas as regiões daquele país, às voltas com o desemprego crescente e um tempestuoso clima de guerra. Só da região toscana vieram 80.000 para cá.

Eram imigrantes de viagem transatlântica subsidiada, que enfrentavam de 20 a 30 dias de Gênova a Santos, em navios lotados na terceira classe. Desembarcados, eram levados à Hospedaria de Imigração, em São Paulo, no Brás e daí a maioria era transportada para a lavoura, no interior. Latinos, brancos e católicos, chegavam bem aceitos pelo poder público

e pelos fazendeiros paulistas, agora sem o braço escravo, para o cultivo do café e para o incipiente setor industrial nativo.

Não foi aventura fácil. Além das diferenças climáticas e culturais, tiveram que se integrar a um Brasil que passava por dramáticas deficiências sanitárias. O final do século XIX e os primeiros vinte anos do século XX foram marcados por terríveis epidemias, no País, facilitadas pelas péssimas condições da nossa infraestrutura urbana, carente de saneamento básico. Tuberculose, varíola, peste bubônica, febre amarela campeavam desde a capital, Rio de Janeiro, até os estados mais distantes. O Rio chegou a ser apelidado de “túmulo dos estrangeiros”. Em Santos, porto obrigatório para o desembarque dos italianos que vinham aqui se estabelecer, a peste bubônica apavorou a cidade, em 1899. Em Sorocaba, os surtos de febre amarela, em 1897 e 1900, dizimaram centenas de enfermos, repetindo-se a tragédia com a gripe espanhola, a influenza, em 1918.

Foi nesse cenário crítico que os italianos conseguiram encontrar trabalho e condições suficientes para criar a família e assegurar razoável pecúlio, mas sofreram muito. Não dá para subscrever o seguinte trecho de um documento emitido então pelo Governo da Província de São Paulo:

O ideal da província é que seja o imigrante nosso primeiro agente de propaganda, enunciando ele mesmo aos seus parentes e amigos que aqui encontrarão hospitaleiro agasalho e todos os grandes elementos de trabalho fácil e remunerador. A facilidade dos transportes, a hospedagem franca e abundante que encontram nesta capital; a liberdade completa de se estabelecerem à vontade, onde bem lhes aprouver, e de se retirarem, se não se julgarem satisfeitos, explicam a procura que tem tido esta província pelo imigrante europeu e, principalmente, pelo italiano (BANDECCHI, 1980, p. 70).

Esses valorosos imigrantes se espalharam por todo o Estado. Um caminho mais batido foi o traçado pela Estrada de Ferro Sorocabana, que os levaria até as barrancas do Paraná, distribuindo-os pelas terras aráveis, ao longo do rio Tietê. Por ali, de simples colonos precariamente contratados, foram se tornando, no correr dos anos, pequenos proprietários e alguns até bem sucedidos fazendeiros, quando não vitoriosos empresários na capital e em outras cidades.

Foi assim que Sorocaba, que tem registros sobre imigrantes italianos já na década de 80 do século XIX, pôde também se tornar ponto de especial interesse

para aqueles filhos da Itália. Seu famoso mercado de animais oferecia boas condições para as mais diversas atividades comerciais, constituindo-se, mais tarde, importante centro no setor da produção industrial.

Cite-se aqui, como exemplo ímpar de sucesso, o caso de Francisco Matarazzo, estabelecido, no final do século XIX, em Sorocaba. Começou com uma pequena loja de artigos rurais, para depois, em 1900, abrir sua primeira empresa, uma rudimentar fábrica de banha, valendo-se dos produtos mais importantes da região, os suínos, que se intercambiavam por muares. Esse foi o marco inicial do seu futuro império econômico de fama internacional, a IRFM, Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.

Sorocaba guardou gratidão para sempre ao pioneirismo beneficente do Conde Francisco Matarazzo. Se ele, em reconhecimento à cidade que lhe deu acolhida, nos presenteou com o Monumento ao Tropeiro, chantado na Avenida São Paulo, no terceiro centenário de Sorocaba, a cidade fez questão de homenageá-lo também, identificando uma de suas ruas com seu nome e outra com o de um de seus filhos, Hermelindo Matarazzo.

Mas o alvo principal da nossa atenção aqui são outros imigrantes italianos, a saber, a família Pieroni, formada por Sílvio Pieroni e Maria Teresa Poli e o primogênito de 14 meses, André, nascido em 29

de novembro de 1909, em Vagli Sotto, na Toscana, onde haviam se casados, em 15 de junho de 1908.

Vagli Sotto, um vilarejo formado na alta Idade Média, hoje é uma cidade que não passa de mil habitantes, mas, com suas típicas casas de pedra, belo pôr de sol e fantásticas auroras a colorir seus montes, vale a pena enfocá-la. Ela se insere dentro da província de Lucca, não muito longe do mar Tirreno e próxima a Carrara, cidade famosa pelo mármore que exportava a todas as partes do mundo. É oportuno lembrar, aliás, que no final do século XIX, já havia em São Paulo várias marmorarias que trabalhavam em correspondência direta com as caieiras de mármore provenientes de lá.

A família Pieroni chegou ao Brasil, em março de 1911. De Santos, onde desembarcaram, tudo era incerteza, mas amainada de muita esperança. Não demorou para o casal encontrar o chão em que iriam plantar a garantia de trabalho para sobreviver e a certeza de um lar abençoado. Foi em Laranjal, hoje Laranjal Paulista, a 80 quilômetros de Sorocaba.

Ali, André, italiano de berço, viveu a infância, aprendeu a língua e fez seus primeiros estudos, na Escola Estadual Quinzinho Amaral. Estava já bem ambientada a família naquela pequena cidade, mas logo o menino passou a contar também com o provi-

dencial apoio de um tio paterno, sacerdote italiano, natural também de Vagli Sotto. Era o Cônego André Pieroni, homônimo do menino. Numa decisão corajosa, ele solicitara, em 18 de julho de 1913, a licença do seu bispo, para vir exercer um trabalho missionário no Brasil, assumindo, precisamente, a paróquia de Laranjal, em 23 de novembro de 1913.

Para a família e para a própria cidade, a presença desse jovem sacerdote foi de extrema importância. Ele se revelou um pastor zeloso da comunidade católica e um empreendedor devotado de várias obras voltadas ao desenvolvimento social do município, como a fundação do Colégio São Vicente.

Uma de suas obras até hoje admirada é a matriz de estilo gótico, que não apenas enfeita a cidade, como atração turística, mas também evidencia seu carinho para com as coisas do culto religioso, assim enaltecido por um templo digno do Senhor.

Mas não foi trabalho fácil. Com sua persistência imbatível e com a cooperação dos fiéis, conseguiu terminar a igreja só em 1927. Seu colega e historiador, Aluísio de Almeida, pseudônimo do Padre Luís de Almeida Castanho, descreveu-o como um caráter firme e intemorato, que enfrentou também o anticlericalismo da época, propagado, então, por órgãos da imprensa paulistana, como:

A “Lanterna”, liderada por intelectuais italianos. Mas, em compensação, conta também o historiador, “em 1926 ou 1927, um italiano patriota ofereceu ao vigário os sinos iguais aos da terra natal. O jovem Sr. Bispo Diocesano (Dom José Carlos de Aguirre) subiu lá ao alto da torre, de sobrepeliz e estola, e benzeu aquelas vozes do Senhor. O pessoal puxou a corda o dia inteiro. E os italianos, vênnetos, mataram saudades (ALMEIDA, 1974, p. 320).

O cônego faleceu, em 16 de junho de 1963, aos 84 anos, depois de longa enfermidade. Suas últimas palavras foram registradas: *“Estou esperando a chegada de Jesus, para levar-me para o céu”*. Houve muita emoção popular e sentidas homenagens, e a Diocese, comovida e grata por tudo o que ele realizara, declarou, no seu necrológio, que esse exemplar pastor: *“Dedicou cinquenta anos de sua vida sacerdotal à paróquia de Laranjal Paulista, onde construiu a belíssima igreja matriz, orgulho da cidade, e onde soube se projetar como verdadeiro pai e pastor de todos os paroquianos”*.

Os exemplos de vida do tio padre marcaram, sem dúvida, o menino André. Logo, o sobrinho se torna coroinha do tio homônimo e, sentindo-se chamado à mesma vocação do tio, dá os primeiros passos para ser um dia, quem sabe, igual a ele.

Decidido esse rumo, André ingressa no Seminário Diocesano de Botucatu, para os seis anos de formação básica, ginásial e colegial. De Botucatu passa, depois, a cursar, por sete anos, em São Paulo, Filosofia e Teologia, no Seminário Provincial, na Avenida Tiradentes, transferindo-se, no último semestre, para o Seminário Central do Ipiranga, que acabara de ser inaugurado.

Concluídos os seus estudos, combinou com seu bispo que desejava ser ordenado padre na cidade onde crescera com os pais e o tio padre, na festa de Nossa Senhora da Assunção, 15 de agosto de 1934. A preparação imediata para esse dia tão sonhado por ele foram os exercícios espirituais prescritos, então, pelo Cânon 1001 do Código de Direito Canônico. Foi um retiro espiritual no Convento dos Padres Redentoristas, na Penha, em São Paulo.

Padre André Pierone, sendo homenageado, neste evento estava acompanhado do tio, que também era padre.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

## Traços biográficos

Magro, alto, calvo, irrequieto, olhos perscrutadores realçados pelos óculos, fumante inveterado do então muito popular cigarro *Fulgor*, a figura do Padre André, na sua batina preta, marcou minha infância. A gente morava a poucos metros de distância, na mesma Rua Padre Luís, atrás da igreja Catedral.

Numa casa simples, de quatro janelas, alugada, cuidada pela mãe, que veio a falecer, em 20 de maio de 1960, o jovem padre pouco parava. Algo que conseguia retê-lo, às vezes, eram algumas atividades num laboratório particular, onde ensaiava certas experiências de física e química. De uma feita, cismou de montar ali o seu aparelho de rádio galena, um tipo de rádio bem limitado, apto a captar apenas estações muito próximas. Era uma construção caseira, feita com base no sulfeto de chumbo natural, conhecido como galena. Com fone de ouvido, ele podia acessar,

pelo menos, as duas emissoras sorocabanas, PRD-7 e PRD-9, captando por elas notícias também da 2ª Grande Guerra, de 1939 a 1945. É preciso lembrar que, na época, não era qualquer família que possuía rádio e, por outro lado, todo mundo, naqueles anos, queria saber onde estavam as tropas lá na Europa, quem estava avançando mais. Seriam as do “Eixo”, integrado por Alemanha, Itália e Japão, ou seriam as dos “Aliados”, integradas também pelo Brasil?

Outra atividade esporádica que ele desenvolvia em casa, gratuitamente, eram aulas particulares de matemática, física ou latim, ministradas a jovens estudantes aperreados pela iminência de alguma reprovação. Paralelamente, até para sobreviver, ele também lecionou muitos anos, matemática, ciências naturais e latim, tanto em escolas públicas, como na escola municipal “Getúlio Vargas”, quanto em escolas particulares, como o Seminário Diocesano, o “Ciências e Letras” e o Liceu Pedro II, do qual ele foi um dos fundadores. Coube a ele também ser o primeiro diretor do Ginásio Estadual de Santa Rosália.

Nomeado coadjutor da paróquia da Catedral, de 1935 a 1939, ele vivia cercado por um grupo de co-roinhas, dentro e fora da igreja. Sua casa era ponto de referência, porque ali se guardava a bola do nosso futebol. Liberada por ele, a gente poderia se divertir

onde houvesse um campinho livre, como na frente da capela de Santa Cruz, no centro da cidade, ou da capela de Santa Teresinha, no Cerrado. Terminado o jogo, devolvia-se a bola, jogando-a pela janela sempre aberta da casa do Padre.

Outra diversão saborosa naquele tempo de convivência com o Padre André era o circo, montado pertinho de sua casa, na esquina da Rua Padre Luís com a São Bento. Era um terreno baldio, onde se construiu mais tarde o Correio. Ali se armou, certa vez, o famoso Circo-Teatro Aretusa. Outros circos, como o Serrazanni, preferiam a área junto a Praça 9 de Julho, que já fora o Largo da Independência.

Circo, naquele tempo, era atração para todas as idades. Famílias inteiras buscavam ali entretenimento sadio. Para a criançada, não havia diversão melhor e quem, às vezes, nos garantia ingresso grátis era o Padre. Outras vezes a gratuidade era oferecida pelo próprio circo, desde que levássemos algum gato para o leão!

Pe. André era inquieto e inquietante. Tanto podia brincar de erguer um menino, com a palma da mão grande e forte, como, com os vigorosos braços, mudar um arcaz, na sacristia ou alcançar o púlpito da Catedral, para dali alvejar uma coruja que ousara invadir aquele espaço sagrado.

Festejado pelas crianças e pelos jovens, o Padre escandalizava certos zelosos senhores e não poucas pias senhoras, por seus modos diferentes do clero da cidade. Para ele era a coisa mais natural conversar com amigos num bar ou andar de moto pela cidade – naquele tempo falava-se motocicleta. Mais que isso. Muito habilidoso, chegava, às vezes, a socorrer na rua algum motociclista desolado com o inesperado enguiço do seu veículo.

## Integralista

Durante todo o seu ministério sacerdotal, Padre André foi criticado por muitos como um padre metido em política. Já nos primeiros anos, foi visto como membro da Ação Integralista Brasileira, movimento fundado em 1934 e extinto, oficialmente, em 10 de novembro de 1937, com a instauração do Estado Novo, pelo presidente Getúlio Vargas, embora continue subsistindo até hoje como Frente Integralista Brasileira, ainda com núcleos e atividades por todo o país.

Liderado por Plínio Salgado, autor também de fascinante *Vida de Jesus*, o Integralismo foi um movimento que conjugava tradicionalismo e nacionalismo, influenciado tanto pelo fascismo italiano, como pela doutrina social da Igreja Católica, especialmente a *Rerum Novarum* do papa Leão XIII.

Essa tonalidade espiritualista e os vibrantes apelos a um patriotismo renovador encantaram muitos

líderes católicos da época, leigos e clérigos, e ganhou diferentes setores da população nacional. Note-se também que foi o primeiro movimento político brasileiro a dar voz política à mulher, antes praticamente restringida ao campo do assistencialismo, da enfermagem e do magistério primário.

Um dos primeiros apóstolos desse ideário verde de brasilidade católica foi o jovem Padre Helder Câmara, no Ceará. Nos seus 24 anos de idade, sentiu-se atraído pela Ação Integralista Brasileira, pelo resgate que ela propunha dos valores “Deus, Pátria e Família” e pelo seu programa social cristão de assistência social. Mas, posteriormente, afastou-se de qualquer compromisso político-partidário, ao perceber as implicações ideológicas daquela opção.

Em Sorocaba, o Integralismo teve entusiástica participação de médicos, dentistas, advogados e do nosso Padre André também. Lembro-me de vê-lo oficiando casamento, na Catedral, de membros daquele movimento, com seus símbolos vistosos, a camisa verde e o indefectível sigma maiúsculo ( $\Sigma$ ), na manga.

Nas ruas, não faltava gente que se cumprimentava com a saudação tupi *anauê*, salve, olá!, de braço esticado e mão espalmada.

Naquele contexto histórico, a simpatia do Padre André pelo Integralismo era explicável. Nos seus 25

anos, italiano de berço, mas naturalizado, os feitos de Mussolini ressoavam fortemente por aqui e não deixavam de instigá-lo a trabalhar por um Brasil melhor. Plenamente integrado na vida nacional, simpaticizou logo com o Integralismo, como muitos outros religiosos, inclusive bispos, apostando nos camisas-verdes como a falange capacitada para se opor tanto à invasão das ideias comunistas como à ditadura de Getúlio Vargas, à luz dos princípios voltados à preservação dos valores cristãos da pátria e da família.

## Político

Em outra época e por outra motivação, reacendeu-se a oposição ao Pe. André, na cidade, pela alegação de que se metia demais na política municipal. O motivo dessa acusação era sua estreita amizade com o Dr. Gualberto Moreira, prefeito da cidade, com duas gestões, de 1948 a 1950, de 1955 a 1959, e também deputado estadual, de 1951 a 1954, sempre pelo Partido Trabalhista Brasileiro.

Tratava-se de um médico sorocabano, residente no chamado Além Ponte, de ampla atuação no município, graças ao atendimento generoso que prestava à população mais carente. Seu prestígio popular foi comprovado pelos votos que ganhou para assumir o cargo de prefeito da cidade por duas vezes e para deputado estadual, por Sorocaba.

Não obstante a contestação permanente da oposição às suas decisões administrativas e políticas, Dr.

Gualberto mostrou-se sempre um empreendedor corajoso de obras importantes para o desenvolvimento da cidade. Foi essa operosidade que levou Pe. André a se aproximar da Prefeitura, divisando nela a parceira melhor, naquele momento, para ajudá-lo a concretizar seus sonhos.

Como veremos depois, o Padre era um visionário e entendeu sempre o seu ministério sacerdotal como um serviço não exclusivamente eclesialístico. Queria ver a comunidade católica empenhada no bem integral da população, com base, sobretudo, no cuidado pela educação e pela saúde, e por esses dois setores doou, praticamente, a vida, enfrentando perseguição, ciúmes, ameaças e incompreensões.

Foi assim que, em 1949, percebendo a falta de perspectiva no ensino superior para os jovens da cidade, decidiu arregaçar as mangas pela conquista de uma Faculdade para Sorocaba. Priorizava a Faculdade de Filosofia e acreditava que poderia contar com o apoio da Prefeitura. Com essa proposta, apareceu um dia, de chofre, no gabinete do Prefeito. A resposta do Dr. Gualberto foi, de pronto, um não e um sim. Concordava o Prefeito que era, realmente, muito custoso para a juventude local demandar São Paulo e outras cidades, como Rio de Janeiro e Curitiba, para realizar seus sonhos. Então, ele que era médico,

formado na capital paranaense, convenceu o Padre a começar a luta por uma Faculdade de Medicina.

Decisão aceita, mãos à obra. E a partir daí os dois nunca mais se separaram. Foram anos de muitas lutas e não poucas agressões de terceiros, mas as duas Faculdades foram criadas e passaram a funcionar, a de Medicina em 1950, e a de Filosofia, Ciências e Letras, em 1954.

Tanto tempo já passou, mas fica a pergunta necessária e cortante: - A amizade sólida e irretocável do Padre com aquele Prefeito merece, por acaso, alguma reprimenda, pelo caráter político nela envolvido?

De todo modo, a pecha de padre político continuava a pesar sobre o Padre. Pela confiança que tinha do Prefeito Dr. Gualberto Moreira, ele foi nomeado seu chefe de gabinete e, mais tarde, assistente social da Prefeitura. Foi, aliás, nessa condição, que ele criou o ambulatório médico na Terra Vermelha, hoje uma unidade básica de saúde. Foi a primeira criada num bairro. Outra obra sua, nesse contexto, foi a ala nova do Educandário Santo Agostinho, no Mangal.

Assim, em 1960, terminada a segunda gestão do prefeito amigo, ele permanecia ativo em suas atividades de interesse público, respeitado por uns e mal visto por outros.

O fato é que, com essa visibilidade toda, ele não conseguiu evitar a indicação, pelo grupo do ex-prefeito

Gualberto Moreira, para vice-prefeito, na chapa que tinha como candidato a prefeito o vereador Armínio de Vasconcelos Leite, para o quadriênio de 1960-1963. Envolvido, então, na campanha eleitoral, viu-se metido no maior embaraço, porque sabia do veto da hierarquia eclesiástica a cargos políticos pelos sacerdotes. E o seu bispo, Dom José Carlos de Aguirre, era inflexível nessa questão. Como resolver esse problema?

Para captar a angústia desses dias, na vida do Pe. André, nada melhor que ler as cartas trocadas por ele com Dom Aguirre, naquelas circunstâncias. São pai e filho se confidenciando, com máxima liberdade, mas com intensa dor para ambos.

Veja-se o primeiro toque paternal do Bispo, em 11 de julho de 1959:

“ Meu caro Cônego Pieroni. Pax Christi Jesu. À vista das atividades políticas do Padre Oscar Ferraz do Amaral, candidato à prefeitura de Boituva, à minha revelia, enviei aos párocos e às comunidades religiosas, a advertência de que ele não tem uso de ordens na diocese. Solicitado por políticos, neguei licença para três sacerdotes da diocese serem incluídos entre os candidatos a prefeituras municipais. Agora,

vejo nos jornais seu nome como candidato à vice-prefeitura em Sorocaba, também à minha revelia. Terei um grande desgosto se meu caro Cônego Pieroni não impedir a exploração de seu nome pelos políticos que estão abusando da grande estima de que desfruta, como bom sacerdote, em Sorocaba e na diocese. Desejava falar-lhe desse assunto delicado antes das festas de Laranjal<sup>1</sup>, mas fui informado de que sua candidatura será lançada sexta-feira, agravando minha situação. Veja, pois, o que fazer para me poupar esse desgosto. E as suas festas jubilares decorrerão desanuviadas. Com afeto de minhas bênçãos, José Carlos, bispo diocesano (AGUIRRE, 1959a).”

A resposta do Padre, longa, aflita e bem circunstanciada, está na carta de 11/8/1959:

“ Exmo. Sr Bispo. Estou atravessando uma situação a mais angustiosa da minha vida. De um lado, o grande afeto que dedico a V. Exa., de outro, compromissos morais assumidos com

---

<sup>1</sup> Pe. André iria festejar lá seu jubileu de prata sacerdotal.

peessoas que sempre me ajudaram nas minhas empresas. Tenho passado noites em claro. Luta terrível entre a obediência e a gratidão e solidariedade com os amigos de todas as horas. E agora, neste momento cruciante, em que o inimigo comum, a maçonaria, se organizou para atirar na rua da amargura e do opróbrio aqueles que me estenderam a mão quando a eles recorri e atualmente pedem com insistência o meu auxílio, posso me furtar a socorrê-los? Quiseram que fosse candidato a prefeito. Insistiram demais. Graças a Deus, consegui escapar. Estive um mês inteiro fora, escondido, para ver se se esqueciam de mim. Nada adiantou. Candidataram-me a vice-prefeito. Considerando que V. Exa. me havia dado a permissão de ser oficial de gabinete, que é cargo da maior responsabilidade e evidência, diante da quase imposição que me foi feita, não tive coragem de dizer não. E agora, Sr. Bispo, peço-lhe, pelo amor de Deus, me ajude a sair desta tremenda abertura. Já pensei até em me retirar, por alguns anos, de Sorocaba, pois, se meus “amigos” vencerem não irão me conceder direito algum para o futuro, pelo fato de os ter abandonado na hora difícil. Se perderem, atribuirão

a mim a derrota e as terríveis consequências que dela resultarem. Hoje, eu vivo somente a custo dos meus vencimentos municipais, pois no Asilo só tenho mil cruzeiros por mês, e já há vários meses que eles não têm dinheiro para me pagar. Para eu sair de Sorocaba, eu penso como deixarei os meus doentes que a toda hora me procuram, bem como solverei sérios compromissos que assumi. Vê, Sr. Bispo, quão dolorosa e angustiante é minha situação e quão amargos os dias da comemoração do meu jubileu. Agora, eu acredito que alguma coisa de bem eu fiz, pelo fato de ter que sofrer tanto. Termino pedindo a V. Exa., mais uma vez, pelo amor de Deus e da SS. Virgem, uma solução para esta minha situação a mais amarga imaginável. Não quero, de maneira alguma, causar desgosto a V. Exa., mas não desejaria igualmente passar, aos olhos de milhares de sorocabanos, por ingrato traidor, como fizeram os vereadores que compunham a bancada denominada da situação. Tenho certeza de que V. Exa., pai amoroso, vai estender sua mão ao filho profundamente angustiado. Do filho em Cristo. Padre André Pieroni (PIERONI, 1959). ”

A correspondência prossegue, com um final feliz:

“ Meu caro Cônego Pieroni. Pax Christi. Não esperava outra coisa senão seu nobre ato de submissão ao velho bispo de sua ordenação, a cuja batina está agarrado, como disse no Seminário. Quanto a seu caso, basta dizer que a autoridade eclesiástica lhe proibiu concorrer a eleições, e ficará salvaguardada sua reputação, com elogios das pessoas sensatas, e seu espírito sacerdotal não sairá arranhado. Ante minhas negações em outros casos, compreenderá que não devo capitular. As insônias não são só suas. Também eu as tenho, e frequentes. Vamos festejar com grandes alegrias seus 25 anos de sacerdócio, aos pés do mesmo altar de sua ordenação. Com redobrado afeto de minhas bênçãos, José Carlos, bispo diocesano (AGUIRRE, 1959b). ”

Em 4 de setembro, o Bispo congratula-se, de novo, com o Padre, que havia mesmo desfeito a candidatura, como prometera:

“ Meu caro Cônego André Pieroni Sobrinho. Pax Christi Jesu. Já lhe havia escrito que outra coisa não esperava de seu espírito disciplinado que a obediência jurada ao seu bispo, como me havia lembrado em sua carta. Ora que o vejo afastado de todo da eliciente candidatura política, cresce minha afeição por V. R, pois compreendo que não pouco lhe custou esse passo, como a mim o meu. Fui instrumento de Deus na sua elevação, pois, sicut probatur argentum et aurum in camino, ita corda probat Deus<sup>2</sup>. Já estava tornando-se epidêmica na diocese a tentação dos políticos à procura da sombra dos padres para valorizarem seus partidos. Foi-me imperiosa grande energia para fechar a porta por onde saíam bons padres, que, por bons, são cobiçados. Com redobrado afeto de minhas bênçãos, José Carlos, bispo diocesano (AGUIRRE, 1959c). ”

---

<sup>2</sup> Como a prata e o ouro são provados pelo fogo, assim Deus prova nossos corações (Provérbio XVII, 3).

## O Presbítero

Os problemas vividos por Padre André, enfocados na sua correspondência com Dom Aguirre, revelam como ele sabia zelar pelo seu caráter sacerdotal. O mesmo se comprovou, como veremos agora, no exercício do seu ministério presbiteral, desde os primeiros encargos até suas últimas atividades como capelão de um asilo, em Sorocaba.

Ordenado presbítero, em 15 de agosto de 1934, em Laranjal (hoje, Laranjal Paulista), ele iniciou seu ministério pastoral, em Sorocaba, como vigário cooperador da igreja Catedral, cujo pároco era Monseñor Francisco Antônio Cangro, popularmente chamado de Padre Chiquinho.

Era uma dupla formada de bela amizade, não obstante as claras e amplas diferenças entre os dois. Conviviam boamente o pároco bem mais velho, reservado no seu estilo tradicional, e o seu jovem

auxiliar de 25 anos, vigoroso e irrequieto. Seu tipo agitado se revelava até nas celebrações litúrgicas, que eram sempre mais curtas que as dos outros sacerdotes da cidade, porque costumava omitir a homilia e nem sempre primavam pela pontualidade. Foi daí que um coroinha, certo domingo, ouviu, ao telefone, uma senhora a perguntar que hora começaria a Missa das dez, oficiada, às vezes, por ele, em substituição ao pároco pontualíssimo!

Mas o caso, talvez mais clamoroso do espírito quase indomável do Pe. André aconteceu, num domingo à tarde, numa reunião com a bicentenária Irmandade de São Benedito, sediada, naquele tempo, na igreja de Santo Antônio, no Largo do Mercado, hoje Praça Comendador Nicolau Scarpa.

Regurgitavam problemas no seio daquela confraria e o Padre Chiquinho, cansado com aquele desarranjo, pediu a seu auxiliar que fosse substituí-lo. Pe. André aceitou, de pronto, e lá foi ele, coroinha junto, para a tal reunião. Estavam lá os irmãos nos primeiros bancos da igreja. À frente do altar, uma mesinha com toalha branca e um crucifixo. Posta-se ali o padre e, feito o sinal da cruz, sentam-se todos. Ele não. Simplesmente, meteu a mão no amplo bolso da batina e sacou de lá um revólver, depositou-o na mesa e, de chofre, perguntou: - *“Qual é o problema*

*de vocês?*” Estupefacção e silêncio de túbulo dos irmãos! E tudo a seguir se desenrolou, na maior tranquilidade. “*Meninos, eu vi*”, pois era eu o coroinha ali presente.

Hoje, pode soar estranho e inaceitável o gesto do Padre, mas assim era ele. Aliás, não agira diferente seu velho tio, vigário de Laranjal, conforme me contou o historiador sorocabano, Aluísio de Almeida, que conhecia muito bem a ambos. É que, certa vez, o tio padre, ao voltar de Botucatu, sede da diocese, sabendo que um grupelho de anticlericais estaria na estação para molestá-lo, também não teve dúvidas: desembarcou com um revólver no bolso da batina, mas não precisou descarregá-lo.

Ja tão bem o desempenho pastoral do padre nesse primeiro cargo de auxiliar, na Catedral, que, pouco a pouco, foi granjeando, mais e mais, a confiança do seu bispo, acumulando, assim, outros ofícios de caráter regional, como a direção do Departamento Diocesano do Ensino Religioso, a partir de 16 de setembro de 1935. Foi também designado, em 20 de julho de 1937, responsável pela recém-criada Obra das Vocações Sacerdotais, distinguindo-se ali como “a alma do movimento”, segundo o testemunho do Pe. Castanho, no seu já citado livro de memórias da diocese de Sorocaba (1974, p. 313).

Mas, em 1938, maior alcance público teve sua nomeação como assistente da recém-criada Juventude Operária Católica, a JOC. Isso porque, na década de 30 do século passado, pelo Brasil todo, começava a se propagar pelo País o movimento da Ação Católica, com especial atenção aos trabalhadores urbanos muito cortejados, então, pelo Partido Comunista. Foi nessa perspectiva que a Igreja fundou, na cidade, o Centro Operário Católico, em 1931 e, anos depois, a JOC. Esse movimento internacional de valorização humana e cristã da massa operária, começou a atuar em Sorocaba, com o objetivo claro de propor uma resposta cristã aos problemas econômicos e sociais do operariado local, em particular os empregados nas várias empresas da indústria têxtil, que predominavam na cidade e não primavam pela prática da justiça social.

A propaganda comunista ganhara muito terreno. Sorocaba era então chamada de Moscou Paulista, pela atuação forte de seguidores de Luís Carlos Prestes, o maior líder do Partido Comunista no País. Na região do Além Ponte, considerada zona vermelha, com seus velhos anarquistas e comunistas a influenciar toda a cidade, o Partido com suas frequentes atividades provocava a atuação da polícia, pronta para dispersar e até mesmo para reprimir. Nesse clima

convulsionado, o trabalho do Padre não se restringia a promover apenas reuniões, retiros e pequenos encontros festivos, voltados à formação religiosa e social de moças e rapazes das fábricas locais, para que atuassem como um pouco do fermento cristão na massa do operariado local. Ele sabia também sair à rua, em dia de greve, para dialogar com os mais agitados e cobrar moderação do controle policial.

Tudo mudou, porém, para o Padre, no início de 1940, quando, por provisão episcopal de 31 de janeiro de 1939, passou a trabalhar no Seminário Menor São Carlos Borromeu, recém-inaugurado, na Avenida Eugênio Salerno, nº 100, para cuidar de vinte meninos aspirantes ao sacerdócio, como professor de Matemática e “Ministro de Disciplina”, ou seja, o encarregado de velar pelo dia-a-dia dos seminaristas, no cumprimento de seus diversos horários de higiene pessoal, aulas, estudos, orações, refeições e lazer.

A direção do Seminário, nos seus dois primeiros anos, estava nas mãos do Pe. Luís Castanho de Almeida. Já bastante adoentado, ele conseguia ainda dar aulas de português. Para ajudá-lo na direção da casa, além do Pe. André, contava-se com o Padre José Zanola, que também ensinava música, francês e italiano e cuidava da parte econômico-financeira da instituição. O quadro docente do Seminário se

completava com dois jovens professores leigos: Luiz Almeida Marins, professor de Português, e Milton Marinho Martins, professor de Matemática.

Evidentemente, dentro do Seminário, quem mais atuava era o Pe. André, mas sempre no seu jeito. Ele nunca foi de cumprir suas obrigações de maneira formal e burocrática. Limitado àquele pequeno espaço do Seminário, que na época era apenas a parte baixa, ele percebeu logo que a área imensa em que o novo prédio estava localizado – um enorme retângulo formado pela Avenida Eugênio Salerno e pelas Ruas 7 de Setembro, Artur Gomes e Pernambuco – deveria ser valorizado e aproveitado ao máximo na formação integral de seus alunos, como área privilegiada de lazer e atividades esportivas, sobretudo futebol. E ideias não lhe faltavam.

A primeira foi plantar árvores frutíferas, que embelezariam aquele terreno dentro da cidade e ofereceriam um excelente complemento alimentar nas refeições diárias. Agindo nessa direção, graças aos seus bons contatos, conseguiu logo, por doação, que fossem plantadas 110 mudas de laranja e limões, naquilo que constituía um enorme quintal para desfrute dos seminaristas.

Doutra feita, pensou em mais uma empreitada inovadora. Convocou seus alunos e propôs-lhes tra-

çar uma pista de caminhada ao longo de toda aquela área. Seria um trabalho útil para a instituição e um bom exercício físico para eles, mas não obrigatório: quem topasse pegar na enxada formaria o grupo dos “destemidos”; quem não quisesse seria dos “acomodados”. E a lida começou no dia seguinte, com a coragem e o suor do primeiro grupinho.

Mas um terceiro episódio da vida do Pe. André como dirigente do Seminário merece menção especialíssima. Naquele afã de manter e ir melhorando sempre a pobre cozinha da casa, ele, um dia, se superou na arte de surpreender seus alunos e de convencer pessoas beneméritas, em favor da sustentabilidade do Seminário. De uma delas conseguiu a excepcional doação de algo sumamente importante para o desenvolvimento humano daqueles meninos.

Era um dia comum, com aulas de manhã e tudo indicava que a tarde correria com sua programação rotineira, quando o Pe. André aparece na sala de estudos, pediu a atenção de todos e avisou: *“Amanhã, depois do almoço, todos vocês devem tomar um bom banho, vestir a batina, colocar a faixa azul e ir à porta de entrada e ficar lá em fila de dois, direitinho, porque iremos receber uma visita estrangeira, de muita importância”*.

E assim foi feito. Estavam lá postados os seminaristas, em ordem, num silêncio curioso, quando, de repente, viram chegando lá da rua, o próprio Pe. André, bastão na mão, conduzindo uma vaca holandesa para dentro do Seminário. Cumpriu a palavra. Estava garantido o leite puro para todos, em todas as manhãs, sem peso orçamentário.

**Padre André em uma das suas empreitadas no seminário Menor São Carlos Borromeu, acompanhado de Dom Aguirre.**



Fonte: Acervo pessoal do autor.

## Pároco de Campo Largo

O final do ano de 1941 trouxe uma surpresa nada agradável ao Padre. O biênio de dedicação aos seminaristas terminava ali, porque recebera ordem de seu bispo para se transferir à paróquia vizinha da cidade de Campo Largo, atual Araçoiaba da Serra, encargo que ele nunca imaginara receber um dia.

Provisionado em 22 de dezembro de 1941, Pe. André, sem pestanejar, tomou posse em 4 de janeiro de 1942, atendendo ao que lhe determinava Dom Aguirre, nos seguintes termos de uma carta iniciada com a expressão latina:

“ Pax Christi. A diocese precisa de V. Revma. para assumir a paróquia de Campo Largo. Provida de boa igreja, boas capelas, casa paroquial e sede de Ação Católica, nutro convicção de que ali V. R. encontrará vasto campo em que possa

desenvolver seu zelo sacerdotal na cura de almas dele bem precisadas e bem desejosas dum bom pastor. V. R. combinará a posse com o Pe. Pabón, que irá para Cerquilho. Recomendo a seu carinho a capela do Ipanema, que vem sendo um tanto abandonada e trabalhada de heresias. Conte com a constância de minhas orações e minhas bênçãos pastorais, bem como no que lhe puder prestar serviços. Para isto, estamos bem perto. Nosso Senhor comece desde já a assisti-lo com suas luzes e graças de estado, para que a abundância da colheita encha os celeiros do céu e prepare bela coroa ao ceifeiro. Oremus ad invicem, ut salvemur (AGUIRRE, 1941). ”

Como se pode ver, o bispo começa desejando-lhe a paz de Cristo (*Pax Christi*) e termina pedindo orações um pelo outro, para que os dois se salvem, isto é, para que ganhem a salvação eterna (*Oremus ad invicem, ut salvemur*). Mas não foi coberto de tanta paz assim aquele paroquiato. Exigiu, na verdade, muita oração e paciência para ser levado adiante pelo Padre, conforme se verá pela série de cartas trocadas com o seu bispo. A primeira, em 6 de janeiro de 1942, já nos põe perplexos, pela carga íntima de suas aflições:

“ Exmo. e Revmo. Sr. Bispo. Laudetur Jesus Christus<sup>3</sup> Tomei posse da Paróquia no dia 4 próximo passado. Quer me parecer que tudo esteja em ordem. Acabo de me cientificar perfeitamente do que se passou acerca de minha pessoa, bem como do motivo principal da minha remoção de Sorocabá e nomeação para esta freguesia. Declaro-me inteiramente submisso às decisões e ordens de V. Exa. V. Exa. será obedecido, escrupulosamente em tudo. Aceito o castigo com toda a resignação. E, apesar de tudo, não obstante estar com o coração sangrando, pois sendo criatura humana, estou sujeito às fraquezas da espécie, contudo... (PIERONI, 1942a). ”

Essa primeira carta do padre a Dom Aguirre abre um panorama triste e preocupante tanto da sua vida como do clero diocesano que o cercava. Tudo sob o olhar em lágrimas do Sr. Bispo. Por que todo aquele sofrimento pessoal de um e aquelas aleivosias alegadas de outros? A resposta do bispo, quatro dias depois, não deixa dúvidas quanto ao clima pesado então predominante:

---

<sup>3</sup> Jesus Cristo Seja Louvado.

“ Meu Pe. Pieroni. Pax Xti! Recebi sua carta, onde meu caro filho derramou todo seu coração. Se nesse derrame há estrias verdes de mágoa, há também, e, sobretudo, o substrato dum coração bom! Outros propósitos de você não esperava senão os de impendere et superimpendere pro animabus. Perdoo, mas não gostei que encarasse sua nomeação de pároco como um castigo. Não se castiga uma pessoa fazendo-a ministro de Deus com cura d’almas. É isto sinal de confiança; porque, aliás, a responsabilidade imediata toca ao pobre bispo. Eu vivo aflito, cheio de cuidados do escassíssimo clero e das paróquias tão precisadas! Seis paróquias vagas!... (falta, de novo, o final da carta). Fica, assim, bem sensível a divisão íntima do coração do bispo que, de um lado, discorda dos sentimentos do seu “caro filho”, mas, do outro, confessa o maior interesse para que ele supere suas profundas mágoas. É nesse espírito que fez sua aquela afetuosa declaração do apóstolo Paulo, citada em latim: “Quanto a mim, de bom grado gastarei e me desgastarei a mim mesmo todo inteiro por você” (2Cth, 12,15) (AGUIRRE, 1942). ”

Passaram-se apenas alguns dias e Pe. André recebeu outra carta de Dom Aguirre, com um pedido especial, sempre confiante no potencial de trabalho dele. É que, em setembro daquele ano, aconteceria, na capital paulista, o 4º Congresso Eucarístico Nacional e a diocese de Sorocaba, como todas as outras do Estado, deveria se envolver, ao máximo, na participação de um momento extremamente significativo para a Igreja. Convidado a ser o divulgador daquele congresso pelas paróquias da diocese, o Padre lhe escreve, ainda bem ressentido:

“ [...] Pediria a V. Exa. a caridade de me dispensar desta incumbência, isto é, do cargo de propagandista do Congresso Nacional a realizar-se em São Paulo. A razão deste meu pedido é que... estou quase impedido de desempenhar aquela incumbência... estou bastante antipatizado no meio do clero desta Diocese, por causa do Ensino Religioso, da Obra das Vocações e da construção do Seminário, plantinhas tenras que eu plantei, outros regaram e as quais Nosso Senhor se dignou incrementar, não obstante as inúmeras indiretas, descomposturas e verdadeiras catilinárias que tive de

ouvir da parte dos revdos. párocos. Entre outras coisas, chegou-se a dizer que o Sr. Bispo havia estragado a Diocese, entregando o seu governo na mão de uma criança. Posso bem aplicar aos colegas no sacerdócio o que S. Jerônimo disse do clero de Roma: “canino dente rodunt me”. Isto, porém, pouco importa, pois tenho consciência de ter cumprido ordens e feito tudo unicamente para a glória de Deus. Tudo quanto se disse a meu respeito, no sentido de me desmoralizar e de me fazer cair da confiança do meu Bispo, nada será capaz de deter minha marcha no cumprimento de meus deveres de sacerdote de Jesus Cristo, custe o que custar... (PIERONI, 1942b). ”

O Padre continuava profundamente magoado com alguns colegas. Vítima, segundo ele, de antipatia e inveja clerical, lembrou e, com ácida propriedade, citou, na língua original, uma dura frase de São Jerônimo, ofendido, certa vez, pelo clero de Roma, lá no longínquo século IV: “*eles me roem com seu dente canino*”.

Mas, exposta toda a sua dor, a carta prossegue, mais tranquila, com o Padre a enfocar, agora, a sua realidade paroquial:

“ [...] O problema desta paróquia, Sr. Bispo, são os bairros... as estradas ruins, a distância quase sempre grande, o custo da viagem de automóvel, a pobreza dos campônios me impedem de estar em contato direto e frequente com eles... Não fora o receio de ser mal interpretado por V. Exa., cuidaria de arrumar um motor como o dos Padres Franciscanos, o que me seria muito econômico, rápido e apto para qualquer estrada... (PIERONI, 1942b). ”

Em 12 de fevereiro de 1943, sexta-feira, à noite, Pe. André recebeu alguém em casa, enviado pelo vigário de Bofete, que solicitava, com urgência, por razão de inventário, a certidão de batismo de um senhor falecido em Campo Largo em 1873. Em resposta, o Padre prometeu ao emissário da carta que faria o possível de atender o mais rápido possível, *“visto se tratar de livros velhos, muito estragados pelas traças, sem índice e ainda pelo fato dos dados fornecidos serem incompletos”*. Fez pesquisas nessa mesma noite. Nada. Sábado e domingo, com as responsabilidades paroquiais intensificadas, não teve tempo. Na segunda-feira, dia 16, retomou a pesquisa de 1873 a 1880. Nada, de novo. Depois de muita

procura, conseguiu encontrar a tal certidão em ano bem anterior, 1871, e remeteu-a, registrada, ao pároco interessado.

Entretanto, para sua surpresa, ficou sabendo, nesse meio tempo, que o vigário de outra paróquia, Cônego José Belotti, seu colega, escrevera a Dom Aguirre, naquele mesmo dia 16, insinuando, indiretamente, a desídia do vigário de Campo Largo, nestes termos:

“ [...] Anexo também um pedido de certidão de batismo à paróquia de Campo Largo. Certidão de muita importância, mas o interessado não conseguiu nada do filósofo Padre Pieroni. Diz que dá muito trabalho, porque o livro está muito estragado... quem sabe, por intermédio da Cúria, as coisas ficam mais fáceis. Há certa urgência, porque os autos já estavam com o juiz, quando se soube que a certidão deve vir de Campo Largo (BELOTTI, 1943). ”

Pe. André perdeu a paciência com essa intervenção indébita e injusta e não se conteve. Escreveu a Dom Aguirre, num longo e abalado desabafo:

“ V. Exa., espírito reto, nobre, superior, animado de verdadeira caridade cristã, não pode, por certo, se convencer de que seja possível a existência de uma campanha difamatória contra um padre, promovida por elementos do clero, por seus próprios colegas que se utilizam, muitas vezes, de pessoas de ínfimo nível social para atingir seus objetivos. Eu estou com o sistema nervoso ainda abalado, é verdade, mas não sou epilético nem paranoico para sofrer de mania de perseguição. Muito pelo contrário. Até bem pouco tempo não podia me capacitar que um sacerdote pudesse ocasionar o menor mal, de um modo consciente e premeditado a um seu colega. A dura e desagradável realidade dos fatos, porém, convenceu-me. No caso da carta, o que em si seria coisa de pouca monta, revela, todavia, o espírito do autor. Que tem, de fato, que ver o Rev. Cônego Belotti com a referida certidão? Não se trata de um paroquiano dele, não foi pedida a S. Revma., mas a mim, ninguém solicitou a cooperação dele para se obter o referido documento, ao menos de um modo direto. Por que, pois, esse excesso de zelo intempestivo? Seria a caridade que o levou a preocupar-se

tanto? Mas não teria sido muito mais conforme aos ditames da caridade, que não exclui a prudência, dirigir-se, primeiramente, a mim, inteirar-se bem dos fatos, averiguar se o que lhe afirmaram correspondia à verdade, para depois, não sendo atendido, recorrer a V. Exa., autoridade suprema da Diocese? Quando teria sido muito fácil telefonar-me ou mandar-me um bilhetinho pela jardineira, para que lançar mão logo de um meio extremo? Pelo fato de ter-se ele dirigido ao Sr. Bispo, consciencioso e pessoa de critério, não o escusa de falta, pois o que escreveu não é, em absoluto, um elogio para mim, muito pelo contrário, é uma inverdade que insinua desleixo e pouco caso de minha parte, o que não pode deixar de impressionar mal V. Exa. Semelhante procedimento me impressiona sobremaneira, Exmo. Sr. Bispo, por ser completamente contrário ao meu caráter. Em 11 anos que passei no seminário, nunca subi ao quarto do Reitor ou do Ministro para relatar uma falta de colega, ainda quando a tivesse presenciado. Nos quase 9 anos de sacerdócio, V. Exa. é testemunha, jamais me incomodei com a vida dos meus colegas. Quando não os pude elogiar, de minha

boca V. Exa. nunca ouviu palavras contra um deles. Por que, pois, tanta idiosincrasia contra mim, tanto da parte deste como de outros bons colegas? Que mal lhes fiz para ser tratado assim tão rudemente? Agora que já passou o perigo de V. Exa. me fazer bispo ou ao menos seu primeiro ministro (fantasma que os incomodava), visto estar minha fama, em grande parte por obra deles, no ínfimo grau de desclassificação, deveriam cessar também suas invectivas. Já disseram tudo contra mim. Já fizeram o povo saber que sou um padre tão “inocente”, a ponto de não alcançar a conveniência ou inconveniência de meus atos; “dispersivo em minha atividade fantástica, que destrói em vez de construir”; “empreendedor de mil coisas sem levar a termo nenhuma”; “invasor de atribuições de outros, desorganizando-lhes os planos e obstaculizando-lhes a ação”; e, o que é mais lamentável “pratico todos os meus atos com a melhor boa fé e vontade de servir, não chegando nem a ter consciência do mal que estou fazendo”; “inclinado a gastar sem medida”; “quando afastado de um cargo por incompetência ou desmando, tento voltar a ele, por irrequieto e incontido”; e, como coroa de

tudo, “cultivo amizades levianas com pessoa falada do povo”. Gostaria imensamente que estes Revmos. Srs. apresentassem uma única prova, apontassem um único fato concreto que comprovasse suas asserções. E quando o conseguissem, o que desafio, deveriam, de conformidade com os princípios elementares da caridade cristã, procurar meio de corrigir os meus defeitos e não publicá-los, como fizeram... durante os sete anos que passei em Sorocaba, o povo em geral, católico ou não, jamais teve nada que dizer contra mim, até que um pequeno grupo de beatas históricas, de parceria com alguns padres, atearam o fogo da maledicência e da calúnia contra mim, afetando hipocritamente zelo pelo bom nome do sacerdote... Não escrevo estas coisas para aborrecer V. Exa. Não desejo perturbar-lhe o espírito. São coisas passadas e irremediáveis, que já tiveram suas consequências. Deus Nosso Senhor tira sempre um bem do mal. Não tivesse acontecido isso, eu não me teria animado a dar outro rumo à minha vida. Não guardo ressentimento de ninguém. Lastimo unicamente a falta de união entre o clero secular, particularmente nestes tempos de tanta incerteza para a Igreja e para a Religião (PIERONI, 1943). ”

Passado algum tempo, Dom Aguirre, talvez pensando que novos ares poderiam acalmá-lo, escreve-lhe perguntando se aceitaria assumir a paróquia de São Miguel Arcanjo.

Em carta (sem data), o Padre lhe responde que:

“ [...] se for possível, prefiro ficar aqui. Isto porque eu tenho pavor da responsabilidade. Devido ao meu estado precaríssimo de saúde, aos meus nervos esgotados, experimento verdadeira angústia por qualquer pequena coisa que tenha de fazer. Só Deus sabe quanto soufri para me habituar à vida de cura de almas nesta paróquia. Só depois de três anos é que estou me sentindo com mais coragem. Mesmo assim, qualquer coisa, por pequena que seja, é bastante para me tirar a paz e me tirar o sono. Pediria, pois, a V. Exa. a caridade de me deixar ficar aqui, até que esteja completamente restabelecido. Estive, muitas vezes, a ponto de pedir para me retirar à Companhia de Jesus, para ter mais paz de consciência e fugir ao fantasma da responsabilidade que tanto me martiriza. Não o fiz até o presente por considerar o apuro em que ia deixar V. Exa., tão necessitado de

padres. Agora que já estou conhecendo meus paroquianos, os quais, pelo que me parece, me estimam e eu igualmente já lhes quero bem, não desejaria...(PIERONI, s.d.). ”

Em 8 de junho de 1945, novamente instado a mudar para outra paróquia, no caso Itaberá, Pe. André escreve ao seu Bispo:

“ A carta em que V. Exa. me comunica a minha nomeação de pároco de Itaberá causou em meu espírito a mais profunda agonia, motivada, por um lado, pela vontade sincera de atender prontamente ao menor desejo do meu bispo, e por outro lado, pela absoluta impossibilidade física e moral de cumprir uma ordem tão imperiosa como a que acabo de receber. A minha angústia cresce de ponto, Sr. Bispo, quando considero que V. Exa., ao tomar essa resolução, visou não só as necessidades espirituais da Diocese, senão também melhorar a minha posição no quadro do clero diocesano. Infelizmente, porém, o meu atual estado lastimável e precaríssimo de saúde vem destruir por completo a consecução de ambos os objetivos. Tenho tido, ultimamente, frequentes

cólicas de fígado. Qualquer pequeno esforço me provoca vômitos e até os alimentos líquidos me são indigestos e o sistema nervoso, de uns tempos a esta parte, se têm agravado de tal sorte que tenho medo de estar só, mesmo durante o dia, enquanto que não posso estar no meio de muita gente. Nesse estado, Sr. Bispo, que seria de mim numa paróquia como Itaberá, grande, trabalhosa, de difíceis meios de comunicação? O serviço religioso pereceria por completo e eu morreria de tristeza. Aqui, ando um pouco a pé, um pouco de arrasto, vou cumprindo a minha obrigação, como Deus me ajuda. V. Exa., baseando-se nas aparências, me julga um padre moço e forte, mas na realidade, enquanto durar este meu estado, sou um velho precoce, sem força e sem coragem para coisa alguma, animado unicamente da esperança de um dia voltar a ser o que era nos primeiros anos do meu sacerdócio, para trabalhar com todo o ardor do meu espírito, para a maior glória de Deus e a salvação das almas. Para isso tomo a liberdade de pedir a v. Exa., como um filho que suplica a seu pai, que me deixe ficar aqui por mais um pouco de tempo, onde o clima é bom e o serviço não é excessivo, a fim de que eu possa cuidar, ao mesmo tempo, desta pequena

porção do rebanho de V. Exa. e também de minha saúde. Depois que recebi a carta de V. Exa., quando consigo passar pelo sono, parece-me ver V. Exa. irado comigo, ameaçando-me com castigos e penas. Imploraria de V. Exa. a graça de compreender que não tenho má vontade, pois, se nunca seria capaz de negar alguma coisa V. Exa., muito menos nesta época de maior crise por que a Diocese está passando, por falta de clero. Peço, pois, encarecidamente, a V. Exa. que, compreendendo a minha triste situação, me escreva dizendo que não está ressentido comigo e que me abençoa, para tranquilizar o meu espírito tão atribulado. De V. Exa, humilde filho. Pe. André Pieroni Sobrinho (PIERONI, 1945). ”

## De volta a Sorocaba

O bom coração de Dom Aguirre acabou atendendo ao apelo do Padre, que definhava, em Araçoiaba da Serra, física e moralmente. Entendeu que a melhor solução era chamá-lo de volta a Sorocaba, pelos problemas de saúde do Padre e pela sua extrema dificuldade de dirigir uma paróquia, ofício que exige atenção permanente a normas eclesiais de administração pastoral e litúrgica, de cumprimento a ser, obrigatoriamente, avaliado pelo prelado diocesano.

Feliz pela volta a Sorocaba, Pe. André começou a viver, então, era 1946, duas incumbências básicas, bem mais tranquilas: professor, de novo, no Seminário Diocesano e capelão do Asilo São Vicente de Paulo. A primeira responsabilidade ele desempenhou por pouco tempo, mas no Asilo desdobrou-se até a morte.

Certamente, foram obrigações bem mais fáceis que as de vigário em outras cidades. Assim, suas

horas livres logo lhe ofereceram espaço para dar azo à sua incoercível capacidade de ação em prol da Igreja e da população sorocabana.

Foi nessas condições que ele começou, a partir de 1949, a envolver-se, totalmente, na ideia de criar a Faculdade de Filosofia, na cidade. Falaremos, adiante, dos seus ingentes esforços na concretização dessa obra. Por ora, basta registrar que, apesar das agruras sofridas nessa luta, ele estava, realmente, mais feliz. Tinha apoio do seu bispo e estava próximo dele, até fisicamente. Em poucos minutos, do seu Asilo, à Rua Santa Cruz, poderia chegar ao então chamado Paço Episcopal, à Rua 15 de Novembro.

Mantinha-se sempre pronto para ajudar seu bispo. Foi assim, por exemplo, que lhe prestou um serviço providencial, com lances de acrobacia logística, nos primeiros dias de dezembro de 1950. É que, Dom Aguirre, ao voltar da visita canônica à Santa Sé, em Roma, teve seu navio atrasado, por motivo de greve na partida, e ele tinha compromisso inadiável, no dia 3, na paróquia de Porto Feliz. Como resolver o problema? É o próprio bispo que conta, no seu “Diário de um Peregrino” (p. 33):

Na manhã de 2 de dezembro, inesperadamente, desembarcamos no Rio de Janeiro, quando devíamos desembarcar em Santos, no dia seguinte... Graças ao empenho dos portofelicenses e, principalmente, à habilidade do R. Pe. André Pieroni, em contornar óbices, pudemos descer no Rio, tomar um avião e voar para São Paulo, donde de automóvel, nos dirigimos a Porto Feliz, onde chegamos, com rara felicidade, às 19 horas, entre festejos inéditos daqueles bons diocesanos, que, pela primeira vez, iriam assistir ao rito solene duma ordenação sacerdotal e dum filho daquela paróquia, Pe. Mauro Vallini (AGUIRRE, 1950).

Outro fato concernente à ligação afetiva e ao apreço paternal de Dom Aguirre pelo Padre deve ser apontado na indicação dele para integrar o Cabido Diocesano. Esse conselho do bispo diocesano foi criado em 11 de setembro de 1954, pelo papa Pio XII e instalado na igreja Catedral de Sorocaba, em 29 de maio de 1955, domingo de Pentecostes, com os seguintes membros: Arcediago Mons. Francisco Antônio Cangro, Prioste Mons. José Ribeiro Viana, Penitenciário Cônego Francisco Lírio de Almeida, Teologal Cônego Lúcio Floro Graziosi, Catedráticos Mons. José Pires de Almeida, Mons. Antônio Pedro

Misiara, Cônego André Pieroni Sobrinho, Cônego Antônio Mucciolo, Cônego Humberto Ghizzi, Cônego Pedro José Maria Vieira, Cônego Mauro Vallini e Cônego Aldo Vannucchi.

Em 1961, com o falecimento, em 12 de março, do arceediago, Mons. Francisco Antônio Cangro, foi escolhido, em 24 de agosto, o Cônego André, para substituí-lo. Uns trinta anos atrás, ele já o havia substituído, muitas vezes, em diversas atividades pastorais.

Outra ajuda que o Padre prestou à diocese, nesse tempo, foi a procura de uma área urbana, para a construção do prédio do Colégio São José, a ser dirigido pelos padres salesianos, velha aspiração do seu bispo. Por essa finalidade, em 1957, passou a viver, em Sorocaba, o Pe. Antônio Pazini, com o intuito de encontrar um terreno amplo e bem situado para tal obra. Ninguém melhor que o Pe. André para lhe indicar um ponto certo, no Mangal, onde, de fato, foi inaugurado, em 1962, o prédio dessa escola, hoje com excelente conceito na cidade.

## Suas obras

Nos capítulos anteriores, focalizamos a atividade pastoral do Padre, em três etapas: a primeira como coadjutor da paróquia da Catedral, de 1935 ao final de 1939; depois, o seu paroquiato, em Araçoiaba da Serra, de 1942 a 1945; por fim, seu retorno a Sorocaba, com os compromissos principais de capelão do Asilo São Vicente e de professor no Seminário.

Agora, vamos acompanhá-lo em trabalhos não estritamente religiosos, mas de fundamental importância para o desenvolvimento da cidade e para a própria Igreja, começando a focalizá-lo, precisamente, a partir do Seminário do qual foi também um dos construtores.

## O Seminário Diocesano

Seus primeiros passos, nesse sentido, foram em 1937. Ninguém mais que ele pegou, literalmente, na massa, para auxiliar Dom Aguirre, na concretização do maior sonho daquele saudoso prelado: a construção do Seminário Diocesano.

Terreno para essa obra o bispo já havia conseguido de presente, graças à generosidade do casal amigo, Francisco José Speers e Rosália Oetterer, um dos pioneiros da indústria têxtil de Sorocaba. Era uma área com o tamanho e as vantagens de uma chácara, no centro da cidade, com a frente para a recém-aberta Avenida Eugênio Salerno. A planta da obra foi de um arquiteto alemão, Carlos Dorf Müller, e do empreiteiro contratado, também alemão, Otto Wachs. Com festiva solenidade, a primeira pedra foi lançada em 4 de novembro de 1937, mas só em fins de setembro do ano seguinte é que as obras começaram.

Para acompanhar e supervisionar todo o trabalho dessa empreitada, o bispo nomeou uma comissão de sacerdotes, em que figurou como o mais atuante, justamente, o Pe. André, conforme testemunha o historiador Pe. Castanho:

Dita Comissão se reunia ou não, não me lembro, mas entramos em acordo de lançar todo o serviço de compras de material e de fiscalização da obra e entendimentos com o arquiteto e o empreiteiro ao Padre Pieroni.... a obra foi feita por administração do Padre, que comprava os materiais e obteve telhas de Laranjal, sua terra, pagas pelos laranjalenses e confabulava com o empreiteiro... (ALMEIDA, 1974, p. 125).

Mais à frente, o Pe. Castanho completa:

Resolveu-se encarregar um sacerdote, evidentemente grátis, para as compras de material e o contato direto com o construtor, tudo por economia. O mais jeitoso para isso era o cônego André Pieroni Sobrinho, coadjutor da Catedral, que era visto por aí fazendo compras, trepando nos andaimes. Já no fim, ele mesmo, com serra e martelo, pedindo eucaliptos ao Mosteiro de São Bento, construiu o galpão do recreio (ALMEIDA, 1974, p. 313).

Muita gente de Sorocaba e de outras paróquias colaborou nessa custosa obra, mas sem o apoio concreto, diário, do Padre pedreiro-carpinteiro, o Seminário não seria inaugurado, como foi, em 4 de novembro de 1939.

Era uma tarde de sol e de intenso júbilo da população católica, dia de São Carlos Borromeu, o arcebispo de Milão, reformador do clero, no século XVI, que Dom Aguirre invocou para patrono dessa casa tão promissora, agora oficialmente chamada Seminário Menor São Carlos Borromeu. Foi uma festa muito especial, bispos presentes, o clero diocesano, autoridades públicas, cidadãos provectos ao lado de jovens estudantes, corporação musical e rojões e vários discursos. Quem menos apareceu foi o Padre. Ele foi sempre assim: presente no trabalho, ausente nas homenagens.

## A Faculdade de Medicina

A segunda obra que mereceu todos os esforços do Pe. André foi a criação da Faculdade de Medicina de Sorocaba, hoje integrada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Na realidade, o pensamento dele, ali por 1948, era a criação de uma Faculdade de Filosofia. Sonhava, e com razão, dotar Sorocaba de uma escola superior para a formação de professores, ciente como estava de que a educação constitui a melhor base para o autêntico desenvolvimento de um país e, para tanto, cumpria formar professores, no melhor nível possível, ultrapassando, portanto, o curso secundário da época e a Escola Normal.

Imbuído desse propósito, decidiu procurar o prefeito da cidade, Dr. Gualberto Moreira, na expectativa do seu indispensável apoio. E apoio houve, mas em outra direção. O prefeito lhe disse sim, mas para

a criação, primeiro, de uma Faculdade de Medicina, conforme nos conta o historiador da Faculdade, Dr. Hely Felisberto Carneiro (1999, p. 21):

Um dia, o porta-voz do grupo ligado à Diocese, Padre André Pieroni Sobrinho, entrou no gabinete do prefeito, sem pedir licença, reclamou sua ajuda para criar a Faculdade de Filosofia e ouviu uma resposta surpreendente: - Só se o senhor me ajudar a criar uma Faculdade de Medicina.

Pieroni acabou sendo nomeado Secretário de Assistência Social e recebeu a tarefa de encaminhar as questões ligadas à criação da escola médica.

A alternativa do Prefeito podia parecer estranha, despropositada, à primeira vista. Teríamos cacife para instalar a primeira Faculdade de Medicina no interior do País? Mas o Padre topou, sem um segundo de hesitação. Entendeu a proposta como possível, justa e necessária.

Se o Prefeito, para se formar médico, precisaria demandar Curitiba, por que não abrir, agora, caminho mais fácil para tantos jovens sorocabanos, absorvidos pelo restrito mercado de trabalho local e, por outro lado, inibidos pela imensa

dificuldade de concretizar o sonho de um curso superior, fora da cidade?

Além do mais, um curso de Medicina se justificava também pela carência de médicos em todo o interior paulista. Sorocaba não chegava a 100 mil habitantes e era conhecida como Manchester Paulista, em alusão à cidade inglesa de notável atividade industrial. Por aqui, primava a indústria têxtil. Na área da saúde, havia apenas dois hospitais e, na região, 26 municípios não tinham médico nem hospital.

Sem dar ouvidos a divergências políticas e ao ceticismo de boa parte da elite, Pe. André começou sua luta. Conseguiu, de forma inteligente, congraçar no mesmo ideal, além do poder executivo, o poder legislativo, o poder econômico, representado por José Ermírio de Morais, do Grupo Votorantim, distrito de Sorocaba na época, e também o poder moral da Igreja, que ele representava, com integral apoio do seu bispo, do arcebispo de São Paulo, o Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta e, posteriormente, de Dom Helder Câmara, então membro do Conselho Nacional de Educação.

*“Quando o Cardeal Motta apoiou nosso plano, contava ele, partimos para os entendimentos com o Ministério da Educação”.*

E lá foi o Padre ao Rio de Janeiro, com o cartão do cardeal dirigido ao Diretor do Ensino Superior

no Ministério da Educação, Dr. Jurandyr Lodi, homem de poucos sorrisos, mas que fora paroquiano do cardeal em Minas Gerais.

Com essa apresentação, o Padre passou os encaminhamentos daquele *desideratum* das esferas municipal e estadual para a federal. Para reforçá-lo, contou também com um memorial comprobatório da falta de médicos na região e do potencial econômico da cidade, redigido com entusiasmo incomum pelo Pe. Luís Castanho de Almeida. Outros documentos expunham as instalações provisórias e o desenho das definitivas, além da constituição do futuro corpo docente, integrado por vários docentes categorizados da capital paulista.

Convém acentuar, porém, que a concretização daquele sonho arrojado naufragaria, se não houvesse aquelas inúmeras tentativas do Padre, para conseguir contatos pertinentes com pessoas-chave no Ministério da Educação e da Cultura. Por essa razão, empreendeu várias viagens à capital federal, para introduzir no Ministério, e lá acompanhar, depois, o espinhoso processo de análise e autorização da proposta.

No Rio, Pe. André hospedou-se, na primeira vez com os monges beneditinos, mas, em geral, pernoitava em hotel modesto, para despender o mínimo, onde lavava sua roupa na pia do próprio apartamen-

to. E não fugia ao cansativo trabalho de passar horas no Ministério, no aguardo de contatos estratégicos e de respostas às suas expectativas. Era estar lá de manhã, sair para almoço e voltar, depois, para pedir ajuda de funcionários, conseguir alguma informação, aqui e ali, e solicitar, mais à frente, o andamento do processo. No dia seguinte, recomeçava tudo.

Outro lado da labuta foi garantir a sustentação jurídico-financeira da pretendida Faculdade. Seria municipal e, para tanto, conseguiu ele a aprovação do projeto, na Câmara Municipal, sancionado depois pela Lei nº 126, de 12 de julho de 1949. Com essa base legal, as lideranças municipais não tiveram mais dúvidas: a primeira pedra do prédio da futura escola superior foi, solenemente, lançada, no dia 8 de dezembro de 1949.

O último passo para a criação da novel Faculdade tinha de ser a sua aprovação pelo Presidente da República, Marechal Eurico Gaspar Dutra. Como chegar até ele? O Prefeito Dr. Gualberto e o Pe. André, informados de que o Presidente Dutra era madrugador e costumava fazer caminhada na praia, bem cedo, não tiveram dúvida: foram ao Rio de Janeiro e montaram plantão, nas proximidades do Palácio do Catete. Bem cedinho, chamaram um táxi e se plantaram nas imediações do Palácio, na expectativa de um contato presidencial.

Seguranças pensaram que aquele padre e seu acompanhante estavam caminhando por ali, para a primeira a missa do dia, de que o religioso presidente participava sempre. Quando os guardas “acordaram”, a dupla já abordara o Presidente caminhante e dele obtivera a promessa de assinar a aprovação da nossa primeira Faculdade.

“*Conseguimos o nihil obstat.*”, contava o Pe., vitorioso. E assim saiu o Decreto de nº 28.003, de 13 de abril de 1950. Estava criada a Faculdade de Medicina de Sorocaba. A cidade exultou e começaram as aulas para os primeiros cinquenta alunos de Sorocaba, de outras cidades do interior paulista e da própria capital. Vale notar que, dos postos todos que surgiram com a Faculdade, ele só aceitou o cargo de capelão voluntário do Hospital Santa Lucinda, anexo à instituição.

## A Faculdade de Filosofia

A batalha gigantesca que o Padre sustentara pela Faculdade de Medicina deu-lhe mais força e mais experiência, para cumprir aquele seu primeiro voto pessoal de trazer à cidade uma Faculdade Filosofia. E o Prefeito Dr. Gualberto Moreira cumpriu também a promessa de trabalhar com ele em prol desse novo projeto.

Em julho de 1950, Dr. Gualberto, candidato a deputado estadual, punha como um dos seus compromissos “trabalhar junto ao Governo do Estado de São Paulo e da Assembleia Legislativa Estadual... a criação da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Sorocaba” (FOLHA POPULAR, 12 jul. 1950).

Sem descansar nessa nova batalha, Pe. André agia, na esfera municipal, contatando e congregando as forças vivas da cidade, em seguidas reuniões. A primeira conquista foi a aprovação, em 13 de abril de 1951, pela Câmara, do projeto de lei que desapropriou o

imóvel, na região central, destinado à Faculdade, da chácara da família Trujillo, amiga do Padre. O outro passo marcante se deu, em 23 de agosto, com a Lei Municipal de nº 233, criando a Faculdade. Entretanto, uma violenta maré de problemas administrativos e políticos ameaçava tornar letra morta aquela proposição municipal. E aí, nessas turbulentas circunstâncias, o Padre, novamente, encontrou o caminho para desembaraçar o imbróglio. Conseguiu que o bispo, Dom Aguirre, concordasse com a sua sugestão de a diocese assumir, com independência política, não a propriedade, mas a administração da pretendida escola. Foi o que sancionou a Lei de nº 251, de 4 de dezembro de 1951, assinada pelo prefeito unicipal, Armínio Vasconcellos Leite, que, ato contínuo, nomeou para os cargos de Diretor e Vice-Diretor, respectivamente, Mons. Francisco Antônio Cangro e Pe. André Pieroni Sobrinho.

Seguiram-se, contudo, dois anos de muitas escaramuças políticas e até religiosas, que impossibilitavam o encaminhamento indispensável do processo de reconhecimento da Faculdade pelo Ministério da Educação. E a Faculdade continuava a existir apenas no papel. Sem se entregar ao desânimo, Pe. André repete todos aqueles contatos e todas aquelas viagens que enfrentara pela Faculdade de Medicina.

Foi decisivo, nessa altura, o voto positivo de Dom Helder Câmara, no Conselho Nacional de Educação. Era o último passo prévio ao Decreto de nº 32.038, de 24 de fevereiro de 1953, do Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, autorizando o início das aulas de Filosofia, História, Geografia e Letras Neolatinas da Faculdade.

Essa celebrada vitória da cidade e do próprio Pe. André não impediu que outros percalços dificultassem o funcionamento da Faculdade. Graças à sua merecida liderança, incentivou intensa movimentação estudantil, com o intuito de levar o prefeito, Dr. Emerenciano Prestes de Barros, a comprometer-se com a instalação da Faculdade, apesar de oriunda de um projeto do seu antecessor e rival político. Essa pressão popular foi vitoriosa. A Faculdade começou a funcionar, finalmente, em 8 de março de 1954, mas à custa de mais um gesto nobre do Pe. André. É que, por motivo político-partidário, o senhor Prefeito exigiu a substituição dos diretores antes nomeados, para que os cursos passassem a funcionar, o que o Padre acatou sem nenhum questionamento. O povo e a imprensa lamentaram aquela medida discricionária do poder executivo. Pe. André estava sendo vítima de flagrante injustiça, mas ele silenciou, convicto do que realizara, sempre pronto para novas batalhas

pela população e pela Igreja. A mesquinhez da política local condicionou sua saída do governo da FaFi, mas acabou ressaltando a grandeza de alma desse imperturbável lutador.

Como na implantação da Faculdade de Medicina, agora na aula inaugural da Filosofia ele também não apareceu. Ele foi sempre assim, pronto para as horas mais difíceis e sempre ausente em sessões de reconhecimento e de homenagens à sua pessoa.

## A Faculdade de Direito

A terceira Faculdade que Sorocaba conquistou foi a de Direito. E não foi por obra do Padre, mas ele, de novo, está presente nessa história também. Quem nos conta, sumariamente, como tudo aconteceu, foi o Dr. José Aleixo Irmão, ilustre promotor público, ex-professor dessa Faculdade e seu exímio historiador.

Pode-se afirmar que a vida universitária de Sorocaba se iniciou com a criação, em 1950, da Faculdade de Medicina, graças ao trabalho do prefeito Gualberto Moreira. Em 1954, instalou-se a de Filosofia. Para a consecução desses dois objetivos culturais, sobressaíram-se as pessoas de Gualberto Moreira e André Pieroni, sendo que para a de Filosofia, houve também a participação do então Prefeito Emericiano Prestes de Barros. Ao que nos contam e informam jornais da época (1950-1954),

numa reunião social, em que tomaram parte o Deputado Estadual Gualberto Moreira, André Pieroni (sacerdote), Hélio Rosa Baldy, (advogado) e José Pereira Cardoso (industrial e bacharel), aventou-se a idéia de se criar, em Sorocaba, uma Faculdade de Direito. Sugeriram que o Deputado Gualberto Moreira apresentasse à Assembléia Legislativa uma emenda ao projeto de lei, criando a Universidade do Interior, transitando naquela Casa, criando a Faculdade de Direito. O Deputado apresentou a emenda (ALEIXO IRMÃO, 1997, p. 99).

O sonho realizou-se. A 30 de abril de 1957, foi publicado no Diário Oficial da União o Decreto N° 41.445, que assim dispôs:

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição e nos termos do artigo 23 do Decreto-Lei número 421, de 11 de maio de 1938, decreta: Artigo único. É concedida autorização para o funcionamento do curso do Bacharelado da Faculdade de Direito de Sorocaba, mantida pela Prefeitura Municipal de Sorocaba e com sede em Sorocaba, no Estado de São Paulo. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1957, 136° da Independência e 69° da República. Juscelino Kubitschec. Clovis Salgado.

No dia 18 de maio, deu-se a solenidade de instalação da Faculdade, que passou a funcionar, imediatamente, com calendário especial autorizado.

Vale notar que a participação do Pe. André nessa campanha vitoriosa foi menor, mas não menos significativa da sua importância, pois era uma iniciativa totalmente laica, com atuação forte da própria Maçonaria local. Nada impediu, porém, que o Padre desse a sua contribuição, solicitada, aliás, e autorizada pelo próprio bispo diocesano, Dom José Carlos de Aguirre. E essa colaboração foi de tão alto valor, que o Inspetor Federal do Ensino Superior, Dr. Camilo Soares de Figueiredo, quando, em parecer dirigido ao Ministério da Educação, em 11 de março de 1957, se declarava favorável ao funcionamento da Faculdade pretendida, alegou, entre outras razões, que tal iniciativa era *“apoiada, direta e ativamente, pelo Senhor Bispo.”*

## A Faculdade de Direito de Itu

Conforme o Manual do aluno (1980) da Faculdade de Direito de Itu assim se deu a origem da instituição:

O Padre André Pieroni Sobrinho fundou a FADITU, contando com importante apoio da Prefeitura, na gestão do então prefeito João Machado de Medeiros Fonseca, e de vários segmentos da sociedade ituana; entre elas, a Câmara dos Vereadores, a Associação Comercial, o Sindicato Rural, o Lions Club, o Rotary Club, a Província Carmelitana de Santo Elias, a Fundação Ituana de Assistência Social e o Instituto de Educação Regente Feijó.

Realmente, no início da década de 1960, várias personalidades se uniram, em Itu, dispostas a dotar a

cidade com uma escola de ensino superior. O primeiro passo foi criar a Fundação Ituana de Ensino Superior (Fides), instituição que contou também com a participação de pessoas representativas das classes produtoras ituanas, como Sebastião Gomes Caselli, que se estabelecera na cidade, em 1955, depois de ter sido vereador em São Paulo. Na sua decisão de trabalhar pelo município, escolheu como o melhor caminho direcionar seu empreendedorismo ao ensino superior. Para tanto, manteve contatos vitoriosos com a Prefeitura Municipal e se associou à Organização Sorocabana de Assistência e Cultura (OSAC), entidade experiente nesse setor educacional, da qual fazia parte também o nosso biografado.

Quem contactou essa instituição sorocabana foi o Dr. José Maria Duarte, pessoa fundamental na história da Faditu, porque era amigo pessoal do Padre André e, como ele, sócio fundador do Liceu Pedro II, em Sorocaba. Sabendo-o integrante da OSAC, passou-lhe o interesse do Prefeito de Itu, João Machado, pela criação da Faculdade. Como era do seu jeito, o Padre abraçou a sugestão e, imediatamente, começou a agir, expondo à Fides quais deveriam ser as medidas básicas para introduzir o devido processo no Conselho Federal de Educação, cujos trâmites e meandros ele bem conhecia, graças aos trabalhos

que já havia enfrentado, na criação de outras faculdades, em Sorocaba.

O processo de aprovação da Faditu não foi fácil. O primeiro empecilho, no Conselho Federal, foi a alegação da existência de muitas faculdades de Direito, no País. Para resolver o impasse, valeu-se o Padre da afinidade política com o Dr. José Loureiro Júnior, professor da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, que solicitou a ajuda de Plínio Salgado, seu sogro, para levar adiante aquele projeto tão importante para a cidade e transformá-lo em expressiva realidade.

Afinal, o coroamento de todos esses trabalhos se deu pelo Decreto Nº 64.895, de 28 de julho de 1969, do Presidente General Artur da Costa e Silva, decidindo a criação da Faculdade.

Sua inauguração aconteceu, em 11 de agosto de 1969, com o maior regozijo da população. Missão cumprida, Padre André volta sua atenção a novos projetos, em Sorocaba e a novel Faculdade inicia sua caminhada histórica, pautada por um corpo docente formado por vários professores da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo. Em razão disso, inicialmente a instituição ganhou o carinhoso apelido de “Francisquinho.

Ao longo dos anos, nomes brilhantes do Direito brasileiro ali lecionaram, como José Loureiro Júnior,

Gofredo da Silva Teles, Ulisses Guimarães, Ataliba Nogueira e Michel Temer.

As primeiras aulas da Faculdade foram ministradas, de forma improvisada, na sala do júri, no Fórum da cidade, atual prédio da Câmara de Vereadores. Posteriormente, instalou-se no Seminário do Carmo, transferindo-se, definitivamente, em 1978, para a Avenida Tiradentes, nº 1.817, em prédio próprio, dentro de uma área de 20 mil m<sup>2</sup>, cumprindo sua missão, com competência e grandeza.

A memória e o reconhecimento ao Pe. André, pela sua atuação na gênese da Faculdade, estão perenizados na Biblioteca da instituição, que leva o seu nome.

## Faculdade de Educação Física

A quarta escola de ensino superior que Sorocaba conseguiu, graças aos trabalhos do Pe. André, foi a Faculdade Educação Física. Ele começou essa empreitada em 1969. Nesse ano, no País todo havia, apenas 19 Faculdades para essa formação profissional, mas o Padre captou a necessidade e a oportunidade para fazê-la realidade próxima da juventude local.

Pelo seu relacionamento com pessoas influentes da cidade, uniu-se a um militar de alta patente, casado com professora de destaque, e os três fundaram a Organização Sorocaba de Educação e Cultura – Osec, que seria a entidade criadora e mantenedora da sonhada Faculdade.

Como nos casos anteriores, o processo, com toda documentação exigida e comprovada, exigiu trabalho e insistência. Mais problemático ainda seria apresentar instalações próprias e apropriadas a esse tipo de

escola superior. Não seriam apenas salas de aula, mas toda uma estrutura complexa de campos, quadras, piscina e os mais variados equipamentos de musculação e de esportes.

O caminho inteligente e esperto utilizado pelo Pe. foram os convênios com a Prefeitura Municipal, na utilização das praças esportivas da cidade; com o Sesi, proprietário de espaços pertinentes e com o Colégio São José, dos Padres Salesianos, dono de ótima infraestrutura escolar.

Com total apoio da Câmara Municipal, dos dirigentes do Sesi e daquele Colégio, o processo de autorização da Faculdade teve êxito e, assim, em 23 de julho de 1971, saiu o Decreto Nº 68.977, que gerou a Faculdade, assinado pelo Presidente da República, General Emílio Garrastazu Medici.

Em reconhecimento de quanto foi importante a pessoa do Pe. André na criação da Faculdade, os alunos logo decidiram dar o seu nome ao Centro Acadêmico, perenizando, assim, dentro da escola, a presença dessa personalidade criativa, sempre exemplarmente pronta para qualquer boa causa.

## O sonho da Engenharia

Pe. André era, praticamente, desconhecido para as novas gerações, quando passava pelas ruas da cidade envergando sua batina velha e surrada. Entretanto, era a elas que dedicava a maior parte do seu trabalho. Tinha, ultimamente – como sempre acontecera, aliás, em sua vida – uma ideia fixa: ver funcionando em Votorantim a sua primeira Faculdade de Engenharia da região. E vai conseguir, afirmavam os mais velhos, os que o conheciam de outras lutas. Mas não conseguiu tornar realidade a nova escola que sonhava, pois não viveu o bastante para isso. Foi enterrado ontem...

Assim se expressava o articulista do jornal Cruzeiro do Sul, em 26 de março de 1972. De fato, o Padre já havia dado passos importantes por essa nova Faculdade, pelo apoio que conseguira tanto do Prefeito da cidade, Luiz do Patrocínio Fernandes, como

do Grupo empresarial Votorantim. Experiência para mais essa proeza não lhe faltava, mas a doença mortal obrigou-o a se recolher nos últimos meses e a Faculdade não aconteceu.

## Liceu Pedro II

Sorocaba ganhou, em 19 de novembro de 1959, por autorização do Ministério da Educação e Cultura, uma Escola Técnica de Agrimensura, criada pelo Dr. Alberto Casanova Trujillo, com apoio de vários sócios, como o Pe. André e o Dr. José Maria Duarte.

Inicialmente, o Padre era apenas professor de Matemática, habilitado, aliás, nessa disciplina pelo Ministério da Educação e da Saúde, em 17 de abril de 1950. Mas logo se viu que poderia oferecer muito mais de si para o crescimento da escola recém-fundada, como nos conta José Maria Duarte:

Ficamos conhecendo o Padre quando ele veio dar aulas no curso de agrimensura. Com anuência dos sócios, convidei-o para ingressar na sociedade. Passados uns dias, ele criou o curso ginásial e depois passou a exercer o

cargo de diretor. Considerando que o Liceu era uma escola nova, ele abriu mão dos salários, dizendo que ele recebia da Prefeitura, onde trabalhava também. Quando vendemos o Liceu Pedro II, fui dar a parte do Padre, ele recusou receber, dizendo que não deu nada para ingressar na sociedade... O Padre deu um impulso muito grande para o Liceu... fui muito amigo dele... ele era um idealista.

Com agrimensura, seu primeiro curso, o Liceu Pedro II, passou a funcionar, de forma provisória, em 1960 e 1961, no período noturno, à Rua Sousa Pereira, nº 188, no prédio do Grupo Escolar Visconde de Porto Seguro.

Ao ganhar um novo curso, de Química, em 1962, e com o número crescente de alunos, a escola se transferiu para a Rua Monsenhor João Soares, nº 195, contando com o Padre André, na direção do estabelecimento.

Como diretor e homem de visão, empenhou-se logo na compra de um terreno, em excelente localização, no centro da cidade, à Rua Brigadeiro Tobias, nº 413, para a edificação do prédio próprio, com 4.000m<sup>2</sup>, de área construída, subvencionado pela Caixa Econômica Federal. Assim, a partir de julho de 1965, Sorocaba passou a ter ali o seu im-

ponente e tradicional Liceu Pedro II, movido pelo lema “Quem sabe mais vale mais”, bem identificado com o espírito de luta que sempre animou o Padre, nas causas da educação.

## O Ginásio de Esportes

Depois de tantas atividades em prol da educação, o gênio realizador do Padre se voltou para o esporte. Uma cidade como Sorocaba não poderia ver sua juventude sem espaços e sem apoios, para aquele desenvolvimento físico e social que os esportes proporcionam.

Na década de 40, a cidade oferecia algumas opções desportivas, como o lago da Chácara Quinzinho de Barros, a piscina da Atlético Scarpa, os campos de futebol do São Bento, do Estrada e do Fortaleza e as quadras de algumas escolas. Para o basquete, então chamado de cestobol ou bola-ao-cesto, havia a Quadra Bandeirantes, nos baixos da rua Padre Luís, com arquibancada de madeira. Ali a comunidade sorocabana aplaudia os jovens ases do nosso time, formado por Campineiro, Pascoalik, Reinaldo, Didi e Sete-Belo, equipe apontada como a melhor do interior paulista, praticamente imbatível, naqueles anos.

Conhecendo muito bem essa realidade esportiva da cidade, Padre André foi dos primeiros a se entusiasmar com a notícia, ali por 1948, de que Sorocaba sediaria, pela terceira vez, em 1954, os Jogos Abertos do Interior do Interior paulista, a maior prova esportiva do interior do Brasil, naquela época. Realizados anualmente, de 1936 até hoje, possibilitava a garimpagem de novos talentos e o surgimento de muitos atletas de renome nacional, mas, evidentemente, reclamava uma ampla praça esportiva, que a cidade ainda não possuía.

Essa competição foi idealizada e levada a cabo por muitos anos, por Horácio Baby Barioni, craque militante de bola-ao-cesto, carinhosamente chamado de Baby, um dos primeiros cronistas esportivos do Estado de São Paulo, que, desde jovem, atuou na promoção de espetáculos de várias áreas do esporte.

Aproveitando essa experiência, Baby idealizou um encontro esportivo de grande alcance. Por iniciativa própria, enviou ofícios a centenas de prefeitos do interior do Brasil, convidando-os a participar do evento.

As dificuldades para realizar os jogos eram inúmeras, sendo que as cidades-sede arcavam com toda organização, instalações esportivas, alojamento, alimentação, arbitragem e atendimento médico. O Go-

verno Estadual apenas fornecia o transporte para as delegações. Baby conseguia até os troféus e medalhas para a premiação dos vencedores.

Padre André imediatamente percebeu que esses jogos, verdadeira coqueluche esportiva da época, eram o momento propício para melhorar a nossa deficiente infraestrutura. E eles aconteceriam, pela terceira vez, em Sorocaba, em 1954, quando se comemoraria o terceiro centenário da cidade.

Na campanha preparatória daquele evento, o prefeito municipal, Dr. Gualberto Moreira, teve o Padre como o primeiro e o mais audacioso auxiliar.

O ponto fundamental era a construção de um ginásio de esportes. O local ideal foi vislumbrado, na Vila Hortência, onde antes havia a igreja do Bom Jesus dos Aflitos, dos Padres Franciscanos.

Pelos jornais e pelo rádio, logo se alardeou que ali se construiria “um gigante de cimento armado” e se esperava a colaboração de toda a cidade. A notícia gerou um entusiasmo coletivo. Um dos primeiros e mais entusiastas dessa campanha foi o Pe., que não apenas apoiou e propagou a ideia, mas esteve presente o tempo todo da construção e, nos últimos meses da obra, lá se postou, de batina, para escândalo de muita gente piedosa, transportando massa de cimento em carrinho de mão ou ajudando a levantar vigas.

Explica-se, assim, porque, inaugurado em 15 de agosto de 1954, esse Ginásio de tanta importância até hoje, para as atividades esportivas da cidade, teve à sua frente o busto do Padre, numa homenagem, após a sua morte, proposta pelo vereador Antônio Antunes Fonseca e aprovada, por unanimidade, pela Câmara Municipal.

Diz a placa aposta ao busto:

“Ao Cônego André Pieroni Sobrinho – Pioneiro da interiorização do ensino médico, Semeador de Faculdades, As homenagens de seus amigos”.

Em 26 de janeiro de 1973, alguns meses após o falecimento dele, o Diário de Sorocaba, apropriadamente, assim se manifestou:

Muita coisa se poderia lembrar da ação de André Pieroni. Muita coisa. Preferimos, no entanto, focalizar apenas uma sua atividade, diretamente ligada ao esporte de Sorocaba. Na construção do Ginásio de Esporte, todos ajudaram. Foi uma construção que saiu na base da raça, do entusiasmo e do suor. Por esse tempo, era comum aos clérigos viverem, apenasmente, preocupados com os seus misteres religiosos. Pieroni, no entanto, sempre foi diferente e,

nessa diferença para melhor, lá estava, com sua sotaina surrada, ajudando a levantar as vigas mestras do Ginásio; lá estava empurrando um carrinho com cimento, lá estava dando uma de carpinteiro, lá estava com o vigor do seu entusiasmo e da sua juventude, dando um exemplo de amor a Sorocaba e, em última análise, um exemplo para o mundo esportivo de então.

**Padre André Pieroni**



Fonte: Acervo pessoal do autor

## O Castelinho

No vigor dos seus 52 anos e com cabeça sempre povoada de planos, Pe. André um dia se decidiu a pôr por obra o que ninguém imaginava caber no *currículum vitae* de um sacerdote. Resolveu valorizar a única propriedade que teve em vida, uma chácara, em Araçoiaba da Serra, construindo lá, com as próprias mãos o que mantinha na imaginação desde sempre, um castelo.

Fosse pelo seu DNA de europeu ou pela cultura humanística assimilada nos tempos de seminário, nada lhe desfez esse singular sonho arquitetônico E, para tanto, em certa altura do ano de 1961, passou a deslocar-se de ônibus – ele nunca teve carro próprio - todos os dias, para aquela cidade vizinha, sempre de batina e chapéu preto na cabeça.

De manhã, celebrada a missa, na Capela de Santa Cruz, junto ao Asilo, lá ia ele pela Rodovia

Raposo Tavares a ser pedreiro, trabalhando, todos os dias, até o entardecer. Foi com pedras trazidas da Floresta Nacional de Ipanema que ele, de sol a sol, construiu o que é hoje conhecido como o Castelinho do Padre. Entre os atrativos para visitantes, avista-se, logo na entrada da cidade, essa inesperada obra de arte, autêntico cartão postal de um espaço que já serviu de cenário de filme também. Edificado em área pantanosa, o castelo chama a atenção pela beleza arquitetônica, com sua ponte levadiça, as portas em arco, a torre, as escadas, a sacada e até mesmo um calabouço.

Pela doença, Pe. André não pôde dar os toques finais no seu incoercível desejo, mas ali ficou em pedra, mais que uma atração turística, o símbolo perfeito de um grande e indômito coração. Espera-se que esse precioso legado, oferecido gratuitamente à cidade onde ele exercera seu ministério, receba dos seus parentes e da Prefeitura Municipal o mais carinhoso cuidado.

## Homenagens

Para comprovar quanto Sorocaba deve ao nosso biografado, seguem-se aqui algumas referências às homenagens públicas que perenizam a memória de seu nome e de seus feitos.

## No Instituto Histórico

No Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, Padre André tem presença firmada, porque essa notável instituição cultural está sediada na Casa Aluísio de Almeida, que ele frequentava, em visitas ao seu colega e especial amigo, o Pe. Castanho, historiador da cidade, conhecido pelo pseudônimo Aluísio de Almeida. Essa presença física de outros anos tornou-se mais evidente e celebrada, de maneira muito especial, pela escolha do Padre como Patrono, feita pelo Dr. João Dias de Sousa Filho, no dia 4 de março de 1990. Ex-aluno do Padre André e, depois, seu colega no funcionalismo municipal, foram vizinhos e estreitamente amigos. Ao tomar posse como membro no Instituto, o ilustre advogado e jornalista lembrou a figura de seu patrono, com palavras precisas e preciosas, como as que seguem:

O Padre Pieroni foi um homem que viveu para o seu tempo, mas, sobretudo, para o futuro, sem nunca perder a dimensão de seu sacerdote. Sempre o admirei como pessoa, como sacerdote e, sobretudo, como amigo. Padre Pieroni é para nós uma lenda viva. Um padre pedreiro, construtor de um tempo novo. Uma vida que precisa ser melhor conhecida, para exemplo das atuais gerações. Estoico, modesto, humilde, despojado das ambições terrenas e de disputas pessoais, ele sabia, mais do que ninguém, a transitoriedade da glória do mundo. Daí por que, na modéstia de sua vida e nas incompreensões pelas quais passou, soube dar a volta por cima e o seu ideal falou sempre mais alto... Foi em vida incompreendido por muitos. A paixão política e a glória do poder, sempre transitória, fizeram com que o Padre fosse incompreendido, mas ele foi superior a tudo. Abriu novos caminhos, construiu um tempo novo... na história de Sorocaba... alguém que soube aproveitar todo o seu tempo para fazer o bem... Engrandeceu, com dignidade, tudo o que fez e, sobretudo, honrou e dignificou Sorocaba. Minha modesta homenagem a seu trabalho, à sua vida e sua memória de homem bom, simples e disponível... daí porque, a partir desta data, passa a enriquecer a galeria de patronos deste Instituto... (ALMEIDA, 1990).

## A sua rua

Como assistente social da Prefeitura, Pe. André, montou seu trabalho atrás de uma modesta escrivaninha, foi pioneiro nos projetos pela implantação de núcleos habitacionais pela cidade. O Jardim Guadalajara foi um deles. Daí o seu nome dado à principal rua desse bairro residencial, na região sudeste de Sorocaba.

## O Centro Esportivo

Na Avenida Américo Figueiredo, 1.200, no Jardim Simus, zona oeste da cidade, o prefeito municipal Dr. José Crespo Gonzales, criou, em 20 de janeiro de 1973, um Centro Esportivo com o nome do Padre. E é nesse Centro Esportivo que se encontra, hoje, o busto em sua homenagem, outrora chantado à frente do Ginásio de Esportes, que ele ajudara construir. Sobre essa homenagem, o Diário de Sorocaba assim se manifestou:

Um dos últimos atos festivos do prefeito José Crespo Gonzales, frente aos desejos administrativos da cidade, será a inauguração do Centro Esportivo nº 2, que por decreto municipal está recebendo a denominação de “Padre André Pieroni”. A homenagem que se presta ao ilustre sacerdote é das mais justas e das mais oportunas, conquanto possa parecer

para muita gente que a um sacerdote não se devesse homenagear dando o seu nome como patrono de um centro esportivo. Há quem fale isto, porque somente entende o sacerdote dentro das dimensões da vida religiosa, quando não nos limites de uma sacristia. Justificamos a homenagem que o poder público está prestando à memória do Padre Pieroni. E por que fazemos essa justificativa? Fazêmo-la porque temos ainda bem presente na memória o vulto de André Pieroni e, em nossas ruas, em nossas escolas superiores e, de modo bem particular, em nosso Ginásio Municipal de Esportes, sua lembrança permanece viva. Felizmente, fomos contemporâneos do ilustre sacerdote. Tivemos conhecimento de sua vida. Foi um homem útil à causa da Igreja, foi um cidadão prestante nos destinos de Sorocaba. Essa homenagem foi das mais justas e das mais oportunas. É de se esperar que, tendo como patrono “Padre André Pieroni”, os esportistas e jovens que frequentarão essa praça de esportes, saibam seguir seu exemplo de bondade e de espírito público (Editorial, 26 de janeiro de 1973).

## Escultura

Vários monumentos foram erguidos, em Sorocaba, em memória de membros insignes do clero local. São eles: Monsenhor João Soares do Amaral, em 1944; Dom José Carlos de Aguirre, em 1974; Dom Tadeu Strunck, em 1977; Monsenhor Francisco Antônio Cangro, em 1980 e Frei Achilles Kloeckner, em 1986.

A essa lista de sacerdotes beneméritos acrescentou-se, em 3 de dezembro de 1979, o busto do Pe. André, presente no Centro Esportivo, que leva o seu nome. Essa peça artística foi concretizada pelo artista plástico Ettore Marangoni (1907-1992), amigo do Padre e seu grande admirador, como comprovam suas palavras ao jornal Cruzeiro do Sul, de 23 de maio de 1979:

Como padre, político e educador, ele foi um grande homem, e por essa razão resolvi modelar em gesso o seu busto, que coloco inteiramente à disposição do povo sorocabano, sem qualquer ônus.

## A Tela do “Mailaski”

Durante as comemorações do aniversário da cidade, em 15 de agosto de 1988, o Instituto Educacional “Matheus Maylasky”, escola mantida então pela Fepasa e destinada, desde 1947, a filhos de funcionários da empresa, decidiu homenagear as pessoas que estavam batalhando pela criação da Universo – o primeiro nome sugerido à Universidade de Sorocaba – e o Padre foi especialmente lembrado, pelas Faculdades que criou.

Assim, a escola se fez presente no desfile comemorativo, representada por um pelotão de quarenta educadores e 150 alunos, além de três carros alegóricos. Um deles, feito na oficina da Fepasa, tinha a réplica de uma locomotiva saindo de um túnel, apresentando também a imagem do Padre André e, ao fundo, as fachadas das Faculdades de Medicina, Filosofia e Direito, criadas com seu total apoio.

A diretora da Escola, Profa. Beatriz Elaine Piscini Magagna, idealizadora de tudo, apoiada pelos professores e pelos pais dos alunos, doou a tela, depois, à direção da Faculdade de Filosofia, que a colocou na sala dos professores. Hoje, esse presente histórico encontra-se no saguão da Faculdade, no câmpus Trujillo.

## Prêmio Municipal

Em 28 de novembro de 1985, foi instituído, pela Lei Municipal de nº 2434, assinada pelo prefeito Flávio Nelson da Costa Chaves, o Prêmio Anual de Educação “André Pieroni Sobrinho”, a ser conferido aos que se distinguirem no campo da educação, com residência fixa em Sorocaba, há pelo menos seis meses.

O prêmio é constituído de medalha, diploma e uma soma pecuniária estipulada em quinhentas unidades fiscais do Município.

## Placa na FaFi

Dentre as solenidades comemorativas do 35º aniversário de instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, em 7 de março de 1989, destacou-se o descerramento de uma placa de bronze, em homenagem ao Cônego André Pieroni Sobrinho, com a seguinte inscrição:

Edifício Cônego André Pieroni Sobrinho -  
Educador Emérito  
“Pai das Faculdades Sorocabanas”  
Homenagem da Fundação Dom Aguirre, no  
35º aniversário de instalação da Faculdade de  
Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.  
7 de março de 1989.

## Últimos dias

Os gigantes também tombam. Padre André passou seus últimos quarenta dias na Santa Casa de Sorocaba. Fui visitá-lo. Não era nem quarto particular nem enfermaria, mas um simples cubículo, com a sua cama e um criado-mudo. Abatido pela doença mortal, ele me sorriu agradecido e me lembrei de como nos incentivava, no Seminário, a uma formação máscula, física e mentalmente, querendo-nos sempre “destemidos”. Não abria mão desse qualificativo.

Poucos dias depois, ele falecia, a uma hora da madrugada de 25 de março de 1972, vítima de um câncer, conforme o atestado de óbito emitido pelo Dr. José Stilitano.

Seu velório seria no espaço humilde e profundamente cristão em que foi por quase vinte anos capelão, a igreja do Asilo São Vicente, à Rua Santa Cruz, onde celebrava a missa todas as manhãs, mas o Bispo Diocesano, Dom José Melhado Campos,

determinou que fosse na Catedral, como se pode ver, pelas suas declarações:

Sua morte foi profundamente sentida no clero e na sociedade sorocabana. Seu funeral, realizado na Catedral, tornou-se uma consagração à sua memória... Havia grande amizade entre ele e o Bispo, que nasceu no mesmo dia, no mesmo mês e ano (29/XI/1909); estudamos nos mesmos seminários de Botucatu e Central de São Paulo; fomos ordenados sacerdotes no mesmo dia (15 de agosto de 1934). Fomos visitá-lo, várias vezes, na Santa Casa, e assistimos à sua morte (Memórias da Diocese de Sorocaba, 1988, p. 87).

Os sacerdotes, vindos de todos os pontos da diocese, concelebraram a missa de corpo presente, seguindo-se o sepultamento em túmulo localizado no corredor central do Cemitério da Saudade. No mesmo jazigo da senhora sua mãe, foi enterrado com aquela velha batina preta, sempre honrada por ele, mas que, muitos, levianamente, afirmavam que abandonaria um dia.

Dia 28 de março de 1972, a Câmara Municipal suspendeu a sessão ordinária, em homenagem póstuma ao Padre, atendendo a um requerimento

formulado pelo vereador Oswaldo Duarte, líder do MDB e subscrito pelo vereador Jorge Betti Filho. Esse mesmo vereador teve aprovado seu projeto enviado ao Prefeito José Crespo Gonzalez, com a solicitação de um busto para homenagear o Padre.

Nessa sessão, o mesmo vereador Betti, da Arena, lembrou os feitos do Padre, citando a frase de Rui Barbosa: “Morto, parece bem maior do que vivo” e, com lágrimas nos olhos, declamou os belos versos de Castro Alves: “Bendito o que semeia livros/livros à mão cheia/e faz o povo pensar!/o livro caindo n’alma/é germe que faz a palma/é chuva que faz o mar!”

Muito aplaudido pelos colegas, finalizou citando ainda o poeta: “bravo o que salva o futuro fecundando a multidão”.

A morte do Padre proporcionou muita reflexão. Ele pode não ter sido um homem de todas as qualidades (e existe quem as tenha?), mas ele soube ser fiel a alguns grandes ideais e nunca recebeu abrir caminhos, pelo bem de seu povo e de sua Igreja.

Pioneiro de uma Igreja bem no meio da vida do povo, lançou, com lágrimas e calúnias sofridas, inúmeras sementes que nem a maldade de seus detratores conseguiu jamais abafar.

Em vida, enriquecera a Diocese e a cidade com as obras que empreendeu, mas o que conseguiu para si

mesmo? Sabe-se apenas de sua chácara, em Araçoiaba da Serra, lá mesmo onde, jovem e inexperiente vigário, curtiu dias de muito sofrimento.

Morto, até seus gratuitos inimigos o exaltaram. Sinal de que esse padre humilde (ele que possuía tanto de se gloriarse!) está hoje mais vivo do que nunca.

Dom Benjamim de Sousa Gomes, bispo de Paranavaí, ex-colega do Padre, dentro do clero sorocabano, assim se manifestou, no Diário de Sorocaba, em 20 de abril de 1972:

Côn. Pieroni participou das duas grandes fases do progresso, desenvolvimento e integração de Sorocaba: Sorocaba indústria e Sorocaba escola... Foi preciso morrer para ser compreendido... gastou todo o tempo de sua vida procurando fazer o bem e quase não teve tempo para morrer. Todos os testemunhos são válidos, mas nesse particular nenhum melhor do que o do povo, o dos pobres e o dos velhos. Eu vi o Cônego Pieroni pela última vez na noite de 4 de dezembro do ano passado, na casa paroquial da Catedral, onde eu estava hospedado. Telefonou-me do Asilo, pediu-me que eu o esperasse. Veio, conversamos sobre muita coisa e não faltaria a criação de Faculdades. Queria saber das condições de Paranavaí, se já tinha

Faculdade e se precisava de alguma outra. Prometeu visitar-me e convidou-me a passar uns dias na sua chácara, em Araçoiaba da Serra. Combinamos uma coisa e outra. Não cumprimos nenhuma. Côn. Pieroni foi sempre simples, sempre humano, sempre pobre e, sobretudo, foi sempre sacerdote. E não quis mais do que ser isso. Os que não quiseram entendê-lo durante a vida, passaram a admirá-lo depois de morto. Ainda bem que a palavra do Mestre se cumpriu à risca no seu discípulo: o discípulo não pode ser maior que o Mestre, nem o servo maior do que o seu Senhor.

O editorial desse mesmo jornal sorocabano assim se expressou também, em 26 de janeiro de 1973:

Injustiçado, terrivelmente injustiçado pelo juízo dos homens, André Pieroni soube, ao longo de sua vida, dar um exemplo de humildade a todos nós. Estoico, superior, humano, simples e idealista, partiu André Pieroni para a eternidade, deixando após si uma folha notável de bons serviços prestados a Sorocaba. Todas as homenagens que se lhe possam prestar, serão pequenas para definirem e exaltarem as suas qualidades de sacerdote e de cidadão...

## Referências

AGUIRRE, Dom José Carlos. **Diário de um peregrino**. São Paulo, 1950.

AGUIRRE, José Carlos de. [Carta] 22 dez. 1941, Sorocaba [para] André Pieroni, Sorocaba. 1p. Comunicado para deixar a administração do Seminário e assumir a Paróquia de Campo Largo, atual Araçoiaba da Serra.

AGUIRRE, José Carlos de. [Carta] 10 jan. 1942, Sorocaba [para] André Pieroni, Sorocaba. 1p. Descrevendo há necessidade da transferência de paróquia.

AGUIRRE, José Carlos de. [Carta] 11 jul. 1959a, Sorocaba [para] André Pieroni, Sorocaba. 1p. Veto a candidatura como vice-prefeito.

AGUIRRE, José Carlos de. [Carta] ago. 1959b, Sorocaba [para] André Pieroni, Sorocaba. 1p. Confirma proibição para concorrer ao cargo de vice-prefeito.

AGUIRRE, José Carlos de. [Carta] 04 set. 1959c, Sorocaba [para] André Pieroni, Sorocaba. 1p. Congratulações pela obediência em recusar o convite a candidato como vice-prefeito.

ALEIXO IRMÃO, José. A **“nossa de direito” Sorocaba**. São Paulo: Fundação Ubaldino do Amaral, 1997. v. I

ALMEIDA, Aluísio de. **A diocese de Sorocaba e seu primeiro bispo**. Sorocaba: Catedral, 1974.

BANDECCHI, Brasil. **Notas e perfis**. São Paulo: Edusp, 1980. (Coleção Museu Paulista - Série de História, v. 9).

BELOTTI, José. [Carta] 06 fev. 1943, Campo Largo [para] José Carlos de Aguirre, Sorocaba. 1p. Vigário Belotti reclamando de Pe. André para o Bispo.

BRASIL. Decreto Nº 41.445, de 30 de abril de 1957. Concedida autorização para o funcionamento do curso do Bacharelado da Faculdade de Direito de Sorocaba, mantida pela Prefeitura Municipal de Sorocaba e com sede em Sorocaba, no Estado de São Paulo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 abr. 1957. Seção 1, p.1.

CAMPOS, Dom José Melhado. **Memórias da diocese de Sorocaba**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988.

CARNEIRO, Hely Felisberto. **A Faculdade de Medicina de Sorocaba e os 50 anos de sua história**. Sorocaba, SP: Grafilinea, 1999.

- CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Vadios e imorais**. Sorocaba, SP: Crearte, 1944.
- CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1975.
- CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, 26 de março de 1972.
- CRUZEIRO DO SUL. Sorocaba, 30 mar. 1979.
- DIÁRIO DE SOROCABA. Sorocaba, 20 jan. 1973.
- DIÁRIO DE SOROCABA. Sorocaba, 26 jan. 1973.
- FOLHA POPULAR. 12 jul. 1950.
- GUEDES, Alcir. **Entre fatos e boatos: crônicas de uma cidade que passou**. Sorocaba, SP, 2007.
- MANUAL do aluno da Faculdade de Direito de Itu. (1980)
- NEVES, José Carlos de Araújo. **Fundação Dom Aguirre: 35 anos de história**. Sorocaba, SP: FDA, 1998.
- PIERONI, André. [Carta] 6 jan. 1942a, Sorocaba [para] José Carlos de Aguirre, Sorocaba. 1p. Resposta do Pe. André para o Bispo sobre ter sido removido para paróquia de Campo Largo.
- PIERONI, André. [Carta] 6 jan. 1942b, Sorocaba [para] José Carlos de Aguirre, Sorocaba. 1p. Resposta do Pe. André para o Bispo sobre não aceitar o pedido para participar 4º Congresso Eucarístico Nacional.

PIERONI, André. [Carta] fev. 1943, Campo Largo [para] José Carlos de Aguirre, Sorocaba. 2p. Resposta do Pe. André para o Bispo sobre a reclamação que o vigário Bellotti fez sobre ele.

PIERONI, André. [Carta] s.d., Campo Largo [para] José Carlos de Aguirre, Sorocaba. 2p. Resposta do Pe. André para o Bispo sobre não querer ser transferido para paróquia de São Miguel.

PIERONI, André. [Carta] 08 jun. 1945, Campo Largo [para] José Carlos de Aguirre, Sorocaba. 1p. Pe. André relata ao Bispo seus sentimentos em relação ao convite para mudar de paróquia, agora Itaberá.

PIERONI, André. [Carta] 11 ago. 1959, Sorocaba [para] José Carlos de Aguirre, Sorocaba. 1p. Resposta ao Bispo sobre ser vetado veto de candidato a vice-prefeito.

SEGUNDA Epístola de Coríntios. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Barsa, 1965.

SILVA, Paulo Celso da. **De novelo de linha à Manchester Paulista: fábrica têxtil e cotidiano no início do século XX, em Sorocaba**. Sorocaba, SP: Linc, 2000.

TANNOS, Diana et al. Faculdade de medicina de Sorocaba. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, Sorocaba, v. 14, n. 2, 2012.

VANNUCCHI, Aldo. **A caminho da Uniso**. Sorocaba: Eduniso, 2012.

VANNUCCHI, Aldo. **Dom Aguirre: vida e obra**. Sorocaba: Eduniso, 2013.



## **Aldo Vannucchi**

Mestre em Filosofia e Teologia pela Universidade Gregoriana (Roma) e licenciado em Pedagogia, integrou o clero sorocabano, tendo sido ordenado presbítero por Dom José Carlos de Aguirre. Foi professor e diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras